

# convergência

MAI — 1981 — ANO XIV — Nº 142



- **MARIA, MULHER DE FÉ**

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM — página 197

- **A IGREJA MUDOU. EM QUE E POR QUÊ.**

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 205

- **FORMAÇÃO, PROCESSO INTEGRAL E INTEGRADOR DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL**

Pe. Jaime Sullivan, OMI — página 216

**CONVERGÊNCIA**  
Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

**Diretor-Responsável:**  
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar  
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

---

**Assinaturas para 1981:**

Brasil, taxa única (via  
terrestre ou aérea) ..... Cr\$ 790,00  
Exterior: marítima ..... US\$ 17,00  
          aérea ..... US\$ 25,00  
Número avulso ..... Cr\$ 79,00

---

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

---

**Composição:** Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

**Fotocomposição:** Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

---

**Nossa Capa**

O homem é um animal simbólico. Conhece também pelos **SINAIS**. Pelo sinal que vê, descobre o que não vê. Um SINAL indiferente, neutro, apático, ambíguo (como nossa capa) não diz nada a ninguém. Não significa. Não visibiliza nem pressupõe nem se vincula ao lastro de realidades que escapam à percepção sensorial. Sem critério teórico de configuração mental, o SINAL é vazio de conteúdo real. Destituído também da marca básica de referência com realidades imateriais, não tem elã e deixa a gente perplexo. Um contra-senso: SINAL que não sinaliza. Exatamente, o que **Você, Religioso e Religiosa**, não pode ser. Cada qual tem o seu projeto e o seu caminho. Cada caminho tem o seu

grau e o seu grão de inteligibilidade. Cabe a cada um escolher aquela mediação, que julga mais adequada, para traduzir, pela simples presença, o que leva em si de mais imponderável e típico: **SER O SINAL** de que Deus está agindo. Para perceber este mistério dos SINAIS e ver, assim, por dentro, exigem-se comunicação recíproca e amor mútuo. O que Você e **Convergência** tentam realizar nestes anos todos com relação à Vida Religiosa. Em 1981, sua revista **CONVERGÊNCIA**, a **Revista dos Religiosos do Brasil**, que vive a serviço de arraigadas convicções, vai ser um estímulo para que Você não ceda ao conformismo e perca de vista o reino do faz-de-conta de quem não dedicou ainda atenção perceptível à força proveniente da afinidade essencial entre as coisas mais transcendentais e o seu simbolismo. E se confirme: **SER SINAL** fundamentalmente inteligível pelo que Você é, pelo seu modo específico de ser. Como ao ser segue o agir, suas ações e Você mesmo, haverão de ser **sinais transparentes**. Mãos à obra.

---

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

---

## SUMÁRIO

---

EDITORIAL .....	193
INFORME DA CRB .....	195
MARIA, MULHER DE FÉ Fr. Almir Ribeiro Guimarães, OFM ....	197
A IGREJA MUDOU. EM QUE E POR QUÊ. Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ	205
FORMAÇÃO, PROCESSO INTEGRAL E INTEGRADOR DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL Pe. Jaime Sullivan, OMI .....	216
DISCERNIMENTO VOCACIONAL/II Equipe de Orientação Psicológica da Conferência dos Religiosos e Religiosas do Chile .....	238

# EDITORIAL

O tempo, muitas vezes, desgasta e estraga as coisas, mesmo aquelas mais queridas. O tempo andou estragando muitas imagens veneradas pela piedade dos cristãos. Mas, sobretudo, o tempo e uma apresentação inadequada andaram desgastando a verdadeira imagem de MARIA, aquela que a Escritura nos revela.

Muita poeira se acumulou, às vezes, sobre o rosto bíblico de Nossa Senhora impedindo-nos de reconhecer o seu perfil e de apreciar os rasgos mais característicos da sua fisionomia. A volta às fontes, aos dados da Escritura, nos ajuda a redescobrir a imagem de Nossa Senhora, na sua transparência original, na sua mais genuína verdade.

O melhor caminho para chegar à figura bíblica de Maria são suas próprias palavras. "Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra." Esta frase traz consigo toda a riqueza da espiritualidade da Antiga Aliança. **Servo**, nas categorias bíblicas, exprime a condição de entrega total a Deus. "Só Javé é o Senhor." Portanto, os "servos de Javé" são os israelitas piedosos que aceitam este senhorio de Deus na sua vida e na sua história e estão abertos as suas intervenções históricas.

Estes fiéis servidores — "os que temem a Javé" — põem ne-

le toda a sua confiança e dele esperam a libertação prometida. Maria é a expressão culminante da piedade de Israel, que encontrava sua máxima configuração nos "pobres". Nela converge toda a esperança do Israel antigo — dos "anauin" — e com ela irrompe na história dos homens a novidade do Reino que se revela "aos pequenos e pobres", se visibiliza em sinais quando "os pobres são evangelizados".

Esta é a perspectiva exata do mistério mariano, a que nos faz recuperar a verdadeira imagem de Maria, a que deve nuclear hoje toda a tematização. O Vaticano II dá um realce especial a esta perspectiva. "Maria se distingue entre os humildes e pobres de Javé que confiadamente esperam e recebem dele a salvação. Com ela depois da prolongada espera da promessa, cumpre-se a plenitude dos tempos e se inaugura a nova criação", **Lumen Gentium, 55.**

Puebla retoma este enfoque e nos apresenta o canto do Magnificat como o "espelho da alma de Maria. Neste poema conquista o seu cume a espiritualidade dos pobres de Javé e o profetismo da Antiga Aliança. É o cântico que anuncia o novo evangelho de Cristo. É o prelúdio do Sermão da Montanha. Aí Maria se manifesta vazia de si própria e depositando toda sua confiança na misericórdia do Pai. Aí Ma-

ria se manifesta como modelo para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas de alienação, mas proclamam com ela que Deus exalta os humildes e, se for o caso, derruba os poderosos de seus tronos”, **Puebla, 297.**

Neste mês de maio, quando somos convidados a **fazer memória** de Maria, de forma explícita na catequese, na piedade, na celebração do culto, é bom fazer vir à tona o seu perfil bíblico e “desempoeirar” a imagem da Mãe de Deus que cada um de nós leva com imenso carinho no “santuário” da própria consciência cristã.

Convergência oferece à reflexão e meditação de seus Leitores o artigo de **Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM:** “Maria, Mulher de Fé”. Nele o Autor nos ajuda a perfazer com Maria o seu itinerário de fé ressaltando os momentos mais significativos desta peregrinação da Virgem de Nazaré, tão parecida, em muitos pontos, à nossa. “Todos aqueles que se colocam hoje corajosamente numa linha de espiritualidade de libertação, encontrarão no cântico de Maria um apoio sólido. Deus é o Deus que liberta o oprimido e o pequeno. Maria quer colocar-se, com o Filho que está em seu seio, na linha dos que aceleram a libertação”.

O artigo do **Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ:** “A Igreja mudou. Em quê? E por quê”?

contém uma análise acurada e clarividente da situação da Igreja no Brasil na atual conjuntura nacional. Com extraordinárias precisão e justeza, aliadas à competência, à clareza das idéias e à mordência do estilo, o Autor nos oferece uma panorâmica do atual processo de mudança que nossa Igreja está vivendo. Levamos a perceber o alcance destas mudanças e os seus limites; aproxima-nos das suas causas e dos seus desafios; alerta-nos para os possíveis equívocos em que podemos incorrer nesta encruzilhada histórica do nosso atual momento de Igreja.

“Formação como processo integral e integrador de desenvolvimento pessoal” é uma contribuição do **Pe. Jaime Sullivan, OMI,** para a reflexão de todos aqueles que se interessam hoje na Igreja e na Vida Religiosa pelo delicado problema da formação. A longa experiência do Padre Jaime no seu trabalho de “formar formadores” lhe dá um rico cabedal e uma competência particular para abordar o tema que se faz especialmente complexo numa época de transição e de mudanças como a que vivemos.

Ainda na linha da formação, **Convergência** oferece este mês aos seus Leitores a segunda parte do texto “Discernimento Vocacional”, publicado pela Conferência dos Religiosos e Religiosas do Chile.

**Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### CRB/MANAUS INFORMA SUA ATUAÇÃO NA SAÚDE

O III Seminário Regional de Saúde, realizado em Manaus de 29 a 31.8.80, reuniu profissionais de saúde de diferentes setores: Igreja, Estado, CRB Regional para estudo da realidade.

O relatório detalhado dessa experiência deixa claro a riqueza do encontro não somente a nível de conscientização mas também a nível de decisões. Do relatório: "Nem todos os problemas de saúde são solucionados pelo setor saúde em seus aspectos preventivos e curativos, mas estão na dependência de outros fatores sócio-econômico-político-culturais, como a desnutrição, ausência de saneamento básico de áreas urbanas periféricas e rurais e a ausência de uma ação comunitária mais ampla. O setor saúde está fazendo apenas um tratamento sintomático das doenças do povo, visto que, as ações de saúde não resolvem todos os problemas a ela relacionados." E ainda: "A partir dos resultados e das linhas de ação emanadas do I Congresso de Leigos da Amazônia (Grupo da Pastoral da Saúde) foi diagnosticado que o que se faz é na realidade pastoral dos enfermos enquanto que a Pastoral da Saúde requer uma

atuação mais ampla dos problemas de saúde e outros fatores a ela interligados".

O III Seminário valorizou a ação comunitária no sentido de maior conscientização do povo em relação aos seus direitos e deveres na área da saúde. Nos planejamentos, partir da realidade do povo e levar em conta sua participação ativa e efetiva, em todo o processo de concretização e decisões.

O Grupo da Pastoral da Saúde, a partir deste seminário, passou a se denominar "Grupo de Trabalho da Saúde" GTS/CRB = Setor Norte I. Tendo em vista a situação geográfica, as distâncias e outros fatores, o GTS terá uma Coordenação Geral e os seguintes núcleos: Norte I, Norte II, Oeste I, Oeste II, Leste, I, Leste II, Sul I e Sul II.

A CRB Nacional se alegra com a dinâmica atuação dos religiosos de Manaus e com os organizadores do III Seminário Regional de Saúde que tão efetivamente se prepararam para a Campanha da Fraternidade 1981, e vem tentando responder aos desafiantes problemas da realidade.

### O GTS NACIONAL ATUANDO EM FAVOR DA SAÚDE

O GTS, Grupo de Trabalho de Saúde da CRB Nacional, promoveu, organizou e coordenou o primeiro encontro de Representantes dos Regionais, da área de saúde. Os participantes foram fraternal-

mente acolhidos pela comunidade do Convento Madre Regina, em Petrópolis, de 22 a 25 de fevereiro/81. Foram dias de intenso trabalho de reflexão e descoberta de pistas concretas de atuação

junto aos Regionais e ao povo em geral. Dez Regionais se fizeram presentes: Belém, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Fortaleza, São Luís, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso e São Paulo. Houve exposição de temas básicos por Hubert Lépargneur e Júlio Munaro, além da participação ativa de cada Regional com troca de experiências e de dados sobre sua realidade. Percebeu-se a carência de ação conjunta e coesa das instituições e movimentos de Igreja no que se refere aos problemas de saúde. A Campanha da Fraternidade 1981 se apresenta como

momento privilegiado para "INÍCIO DE PROCESSO" como bem dizia Dom Luciano Mendes de Almeida, Secretário Geral da CNBB. O GTS faz uma recomendação: aprofundar, pessoal e comunitariamente, os textos-base que apresentam os temas deste encontro: "O evangelho da dor" e "Sofrer em Cristo Jesus — espiritualidade do enfermo", estudos da CNBB, nº 26, de Hubert Lépargneur. "Cuidados Primários de Saúde" Conferência de Ama-Ata 1978 da OMS/UNICEF, distribuição gratuita da UNICEF, além de toda a documentação da C. F. 1981.

## II ENCONTRO REGIONAL DE CERNISTAS

Realizado de 26 a 29 de janeiro de 1981, em Lages, SC

Cernistas de onze Cernes tiveram oportunidade de partilhar a vida após Cerne e de rever conteúdos sobre a ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA. Estiveram coordenando o Encontro: Pe. Ivo Weber, Irmã Celeste e Irmã Maria do Cerme, da CRB Nacional. Marcou presença, como auxiliar da coordenação, Ir. Inês Pereira Leite que, após relatar um pouco da sua experiência em Manaus, fez um apelo, aos Cernistas, considerando a realidade da Amazônia.

Mediante trabalhos em pequenos grupos foi constatada a grande importância da oração pessoal na caminhada de cada um. Observou-se um despertar de interesse pelo cultivo da oração pessoal, com repercussões que se fazem sentir na oração partilhada e demais expressões de oração comunitária. Os 97 (noventa e sete) participantes do ENCONTRO tiveram oportunidade de comunicações em trabalhos orientados pela Coordenação.

As questões apresentadas foram as seguintes:

— Na minha vida, depois do CERNE, o que mudou? Quanto à oração? Quanto ao relacionamento?

— O que dificultou a mudança?

— O que dificultou a mudança

Foram unânimes as constatações sobre o grande valor da oração no relacionamento consigo mesmo, com Deus e com os outros. Notou-se uma busca constante de comunicação e convivência fraterna como fruto de uma caminhada na fé. Houve crescimento pessoal e comunitário não obstante dificuldades enfrentadas após o CERNE. Constatou-se a validade de encontros anuais. Entre outras sugestões por parte dos Cernistas, destacam-se as seguintes: Retiro dirigido para Cernistas, Congresso, numa solicitação de atuação da CRB Regional e mediante Coordenação a nível central. Próximo Encontro Regional ser realizado em Curitiba, de 25 a 28 de Janeiro de 1982.

Os participantes do II Encontro Regional de Cernistas expressam especial agradecimento à Diretoria da CRB Nacional pelo enriquecimento do Encontro na significativa atuação de Pe. Ivo Weber, Ir. Celeste e Maria do Carmo. Os Cernistas prosseguem a caminhada impulsionados pelos benefícios do CERNE e muito unidos e no aprimoramento da oração pessoal e vivência comunitária.

a) Ir. Marília Gonçalves

# MARIA, MULHER DE FÊ

*Ter fé, viver de fé, é empreender a caminhada da vida, tanto no plano individual como coletivo à luz do Senhor e caminhar solene e resolutamente na confiança de sua Palavra. Crentes serão aqueles que se despojarão de todas as seguranças humanas para crerem no braço forte do Senhor que atua.*

**Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM**  
Sorocaba, SP

Propomo-nos a fazer uma reflexão, mais de cunho meditativo do que uma exposição teológica, sobre Maria e a fé. Tentaremos descobrir, ao longo da caminhada de Maria, momentos e expressões de sua fé. Os que desejarem maiores aprofundamentos teológicos sobre o tema dispõem de farta bibliografia (1). Não é nossa intenção entrar nas polêmicas em torno dos textos escriturísticos a respeito da Mãe de Jesus. Nosso intuito é ver como Maria deu uma resposta constante de fé a Deus. Parece-nos importante situar, num primeiro momento, a caminhada de fé de Abraão que tanto se assemelha ao itinerário de Maria e de todos os grandes homens de fé.

## **1. O "sim" de Abraão e de todo homem de fé**

Evocar a figura de Abraão e suas repercussões no Novo Testamento é inserir-se num universo de fé ju-

deu-cristão. Estamos ligados a um povo que fez uma profunda experiência de fé. A partir de Abraão começa a aventura da fé do povo judaico. O povo judeu acreditava na presença e na atuação de Deus no coração do homem e da realidade toda. Deus é o Deus da história. A fé de Abraão e sua aventura ficou sendo modelo de toda caminhada na busca de Deus. Um homem carregado em anos, vivendo em ambiente politeísta compreende quem é Deus. Compreende que esse Deus o interpela em sua história e na história de seu clã. Percebe Abraão que Deus exige uma resposta a um apelo. Essa resposta é assentimento e confiança naquele que interpela. Será pedido ao velho Abraão para deixar sua terra, sua parentela, suas coisas, seu universo, seu horizonte, suas seguranças para caminhar na direção de um mundo e de uma terra que lhe são desconhecidos. Há mesmo uma promessa de que sua descendência seria mais numerosa

do que as estrelas do firmamento e as areias das praias sem fim. Não há evidências de que essas promessas possam se tornar realidade. Há um Deus que se manifesta misteriosamente e o ventre estéril de Sara, a velha esposa do velho Abraão. É de se pensar que as promessas não se realizaram. Mas Abraão crê, vai em frente, joga-se no claro-escuro da fé, na aventura da fé. Há alguma coisa de parecido com a atitude dos apóstolos, mais tarde, que lançarão as redes quando o Mestre ordenar, apesar de terem pescado em vão a noite toda. Em tua palavra... Ter fé, viver da fé, é empreender a caminhada da vida, tanto no plano individual como coletivo, à luz do Senhor e caminhar solene e resolutamente na confiança nesta Palavra. Os crentes de todas as épocas serão aqueles que se despojarão de todas as seguranças humanas para crerem no braço forte do Senhor que atua e no qual porão toda a sua esperança. A fé se transforma então num esperar contra toda esperança e na posse, antecipada, daquilo que, certamente, vai acontecer.

Continuando ainda nesta pista da fé de Abraão vemos que esse Deus costuma dar sinais de realizações parciais ou totais das promessas. A chegada de Isaque é realização parcial das promessas. Deus é fiel e o homem pode continuar a crer que outras promessas também se realizarão. A fé se torna mais "plausível" quando certos sinais mostram a concretização das promessas. Israel sempre teve o costume de ler, na sua própria história, os sinais que lhe eram evidentes da atuação de Javé. Os piedosos judeus lerão a aventura do Êxodo e a catástrofe

seguida da libertação do Exílio como ações/sinais de Deus em sua história. Esse Deus, no entanto, tem o hábito de esconder. Na história do mesmo Abraão haverá uma provação. Deus pedirá a Abraão seu filho, seu único filho, aquele sobre quem repousam as certezas da continuação da realização das promessas divinas. Abraão aceita o desafio. Sua fé e confiança não se abalará. Seu interior está crivado de interrogações. À pergunta do filho a respeito do animal para o sacrifício Abraão responderá: "Deus providenciará". O que é impossível aos homens é possível a Deus. Maria há de se enquadrar exatamente nessa sabedoria do velho Abraão (2).

O homem de fé de todos os tempos adere a Deus que não vê, joga-se nesse Deus e confia que ele há de cumprir todas as coisas que prometeu. Caminha na direção de Deus como um peregrino. Fica firme na escuridão e nos momentos de ausência de Deus. Mais tarde Deus há de nos dar o grande sinal de sua atuação na história que foi Cristo Jesus, filho de Maria e Filho do Pai de todas as promessas. Aí e somente aí a fé ganhará sua plena dimensão. Esse Cristo seria a verdadeira terra prometida e a mais autêntica descendência de Abraão. Para o homem de fé fica sempre que aquilo que é impossível aos homens é possível a Deus porque Deus toma suas providências.

## **2. O mistério do "sim" de Maria**

As fontes da revelação do Novo Testamento são parcas com referência a Maria. Mas aquilo que dispo-

mos pode nos dizer que ela é Filha de Sião e autêntica herdeira da fé de Abraão. Precisamos sempre de novo tentar compreender que Maria é uma simples donzela. Não podemos transformá-la numa espécie de ser mais ou menos etéreo e desencarnado. Judia piedosa estava acostumada a conviver com as Escrituras de seu povo e guardava no relicário do coração as esperanças desses seus antepassados todos. Sabia que o Deus de Abraão era o Deus das promessas que iam se realizando. Certamente sua piedade se alimentava dos salmos de sua gente. Todo o temário dos salmos vestia a vida de Maria. Ela repetia esses refrões que falavam de um Deus rochedo, de um Deus pastor, de um Deus fortaleza. Ela suspirava por Deus como a corça suspirava pelas correntes de água, ela jogava-se nele constantemente dizendo que em suas mãos entregava seu espírito, porque sua misericórdia era eterna. A fé de Maria se reveste da fé expressa por seu povo nesses salmos tantas vezes repetidos por todos os crentes de ontem e de hoje. Judia piedosa estava acostumada a fazer peregrinações até Jerusalém, capital da fé de seu povo. Lá se associava ao louvor de seus contemporâneos, ao Deus que morava no Santo dos Santos e no santuário de todas as criaturas. Participava da esperança de seu povo de que um dia Deus haveria de se manifestar totalmente aos homens, na plenitude dos tempos. Com Isaías Maria deveria repetir muitas vezes essa prece simples de que as nuvens se rompessem e chovessem o justo por excelência. Maria parece ter pertencido ao grupo dos pobres de Javé e do resto

fiel que sabia que a grandeza do homem é jogar-se em Deus e esperar nele.

#### a) Um convite de Deus

Lucas é o evangelista que nos fala da anunciação do Senhor. Deus visita o coração pequeno de Maria. Esta talvez pensasse que Ele viria na majestade e na força da sua força. Verdade que Isaías havia falado de um menino que seria príncipe da paz e conselheiro admirável. Interior ou exteriormente Maria se vê saudada como aquela que tem a plenitude de todas as graças. Percebe que Deus se dirige a ela. Percebe que está na hora de decisões. Maria encontra graça diante de Deus e compreende que o Senhor está com ela. Assim como Deus estivera bem perto de personagens do Antigo Testamento para que eles realizassem uma missão estava agora com Maria. Maria não compreende o que está se passando. Não conhece varão. Como poderia ser mãe? Ao ouvir estas reflexões do mensageiro ela se perturba. Pesaria sobre seus ombros o peso do plano de salvação prometido por Deus aos antigos. Aderiria a Deus que a cobriria de sua sombra porque o Filho que teria viria do Altíssimo.

Mas como se daria isso? O que era impossível aos homens era possível a Deus. Não pode ter plena consciência de tudo aquilo que está para acontecer. Mas de seu seio virgem, lá onde a mão do homem não terá vez, lá estará uma força do Altíssimo, como também houvera essa força no seio de Sara, na vida de Ana, mãe de Samuel, no coração do povo que saía do Egito. Maria não

considera suficientes as obras de sua história para que Deus possa aí esperar alguma coisa. Crê na força de Deus. Ganha a convicção de que aquilo que se operará nela é puração de Deus. Assim como Deus providenciou tudo no momento em que pedia o sacrifício de Isaque, também agora haveria de tudo prever. Maria se insere, pois, na linha da fidelidade e faz um ato de fé. "Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua Palavra" (Lc 1,38). Assim como a Palavra de Deus pairara sobre o caos do começo, pairava sobre o seio de Maria e tudo poderia começar novamente. Estava iniciada a nova criação. O futuro estava aberto. Maria disse seu "fiat". Esse sim da fé teria repercussões sérias para o futuro dos homens. Maria do sim.

#### b) O cântico da fidelidade

Lucas nos permite analisar a alma de fé de Maria através do Magnificat (Lc 1,46-56). Estão fechadas as cortinas do Antigo Testamento e abrem-se tempos novos. O ontem desse povo de Israel estava bem guardado na memória dos pequenos. Aí aparece a convicção de que Deus não deixa de olhar para os pequenos da face da terra sobre os quais derrama sua bênção. Maria, segundo Lucas, lembra tudo isso. Por detrás desse canto da fidelidade de Deus há essa convicção de Maria estar ligada aos grandes personagens de seu povo: Abraão, Moisés, Davi e tantos outros. Os sinais de Deus se multiplicaram ontem: saída do Egito, bênçãos sobre Davi, canto de libertação do cativoiro da Babilônia. Aí as estradas tinham sido feitas planas e as monta-

nhas rebaixadas. Uma mulher pobre e estéril, chamada Isabel, tinha sido olhada por Deus e gerara o corpo do Profeta do Altíssimo, João Batista. Maria insere-se na linhagem destes pobres e sua fé se exprime em pensamentos de louvor: "O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas". "Ele pôs os olhos na humildade de sua serva". "Seu amor se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem". Lucas fala do desponsório de Maria com a vontade de Deus. A oração de Maria, o Magnificat, é a oração dos pobres. Somente os pobres sabem se colocar corretamente diante de Deus. Não apresentam títulos ou honrarias, apesar de sua fidelidade. Considera-se Maria a humilde serva do Senhor. O coração se engrandece diante daquele cujo nome é Santo. Da mesma forma se exprimira o profeta Isaías, diante da grandeza do Senhor no templo. Maria, a irmã de Moisés, ao atravessar o Mar Vermelho também prorrompera num cântico de gratidão. Ana, a mãe de Samuel, depois de exprimir a Deus sua dor de ser estéril agradeceu o dom de Deus. Maria se enfileira nesta lista de almas gratas. A fé de Maria na grandeza de Deus se transforma numa fé de gratidão pela fidelidade do Senhor.

Há também nesse cântico uma profissão de fé na ação de Deus que liberta. Os poderosos serão destronados. Os últimos serão os primeiros. Os humildes serão exaltados. Aos famintos será dado o que comer e os ricos serão despachados de mãos vazias. Todos aqueles que hoje se colocam corajosamente numa linha de espiritualidade de libertação encontrarão nesse cântico

de Maria um apoio sólido. Deus é o Deus que liberta o oprimido e o pequeno. Maria quer colocar-se, com o filho que está em seu seio, na linha dos que aceleram a libertação. A aproximação de Deus da terra dos homens é momento de inauguração de um reino em que as amarras serão todas arrancadas e em que a justiça terá cidadania. Ter fé é crer que Deus continua agora e hoje sua libertação através do filho da pobre Maria.

Maria canta finalmente a realização das promessas feitas a Abraão e à sua posteridade. Esse Menino que vem é a mais pura das realizações dessas promessas e aquele que está em seu seio é o Descendente de Abraão por excelência. O coração da promessa a Abraão é o Messias que é fruto de Maria.

### **3. Maria guardava todas essas coisas no seu coração**

Depois nasce o Menino que ela envolve com paninhos quentes e com o calor de seu amor. Quando chega o momento vai com José apresentar o Menino no templo. Lá estava um homem piedoso e justo, carregado em anos e em esperança. Era o velho Simeão. Estava numa idade em que muitos nada mais esperam da vida. "O seu coração enchia-se de esperança, como se tivesse herdado a expectativa acumulada pelo seu povo de geração em geração, desde Abraão. Simeão esperava a consolação de Israel. Não a esperava como coisa longínqua e abstrata, mas como um acontecimento muito próximo, que ele próprio veria" (3). Com as ofertas de pobres, os pais do Menino vão na direção

do templo. Essa consolação de Israel tão esperada se colocava na linha da realização das profecias em torno do servo de Javé do profeta Isaías. Para Simeão essa consolação de Israel tinha muito a ver com o destino desse misterioso personagem: rejeitado, injuriado, reduzido ao silêncio, humilhado, esmagado pelo sofrimento e condenado à morte. Sua morte e seu aniquilamento trariam luz e claridade para todos os homens. Lucas faz questão de colocar bem em destaque Maria diante desse personagem que quer ver a Consolação de Israel. Vendo esses modestos pais, esse casal pobre entrar no templo o velho se aproxima, toma o Menino e prorrompe: "Agora, Senhor, segundo a tua Palavra, podes deixar partir em paz o teu servo; porque meus olhos viram a salvação, que preparaste para todos os povos, luz para iluminar as nações e glória do teu povo, Israel" (Lc 2,29-32). Depois o ancião se volta para Maria e diz palavras misteriosas que ela guardaria encerradas em seu coração: "Eis que este menino está posto para ser ocasião de queda e elevação para muitos em Israel e sinal de contradição. Quanto a ti, uma espada de dor te atravessará a alma. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações" (Lc 2,34-35).

Maria deve ter sentido apertar-se-lhe o coração. Viera simples e alegremente apresentar o Menino ao Senhor e oferecer-lhe duas rolas. Mas as palavras de Simeão e o Espírito que as inspirara projetavam subitamente uma luz escura no destino do Menino. Ela não esquecera que dissera sim a Deus e estava preparada para tudo. Guardava

essas e outras palavras no fundo de seu coração. Mais tarde ela saberia que esse Menino que estava nos braços do velho nesta manhã do mundo de sua vida de jovem mãe seria o servo desfigurado.

Deus não poupa os seus. Quer vê-los fiéis. Nessas horas os homens se sentem longe de Deus e, paradoxalmente, próximos do Senhor. Maria de fato não tinha outra coisa a fazer senão guardar e meditar todas essas coisas no fundo de seu coração. O Menino cresceria em idade, graça e sabedoria diante dos homens e de Deus e seu olhar de mãe acompanharia tudo isso guardando lembranças e perguntas no reservatório do coração.

Foi Maria quem deve ter ensinado ao Menino a olhar para o céu e a rezar para o Pai de todos os homens. Depois o Menino cresceu e começou a viver vida arriscada de profeta. Via que seu filho não tinha medo de denunciar a mentira e de anunciar um mundo novo que não agradava a todos. Vida arriscada que ia se comprometendo com pecadores e com pessoas de má vida. Vida diferente que expulsava os vendilhões que haviam transformado a casa de seu Pai num covil de ladrões. É de supor que Maria permanecesse em Nazaré e, como todas as mães, se preocupava com a ausência demorada desse que se tinha transformado num Mestre itinerante. Vivia devorado pela sua missão e ela, a mãe, fica de lado, escondida, quase esquecida. Seu coração deve ter pedido prudência ao Filho. Quando soube que o filho de Isabel, João Batista, tinha sido decapitado deve ter visto nisto uma antecipação de dias escuros que tal-

vez viesse a viver. Meditando, ruminando todas essas coisas, ela as guardava nos cantos de seu coração. Sempre fiel. Sempre consciente se que havia dado um **sim** que durava no tempo e no espaço apesar de tudo.

#### **4. Perseverança na fé**

Quando tinha envolvido seu filho nos panos quentes e sob o bafejo de seu amor, não podia imaginar o que haveria de acontecer mais tarde. Os evangelhos nos dizem que ela esteve presente nos acontecimentos finais e dolorosos que culminaram com a morte violenta de seu filho. Verdade que o velho Simeão havia feito uma misteriosa previsão de uma espada a lhe atravessar o coração. Ela foi crendo, sempre crendo, foi a primeira grande crente da Igreja. Chegou o tempo em que seu filho não via mais saída, nem solução para o amanhã de seus dias. Havia tentado amar os homens, mas estes não reconheceram esse amor. Amara o Pai até o fim. Maria bem podia imaginar que se Jesus continuasse a perfilar a trilha que escolhera aconteceria o inevitável. Desapareceria como desapareceu João, o filho de Isabel e de Zacarias. Ela estava em Jerusalém nos dias da paixão de Jesus. Soubera que seu filho tinha sido preso. Com o pleno vigor de suas forças e no auge de seus dias seu filho estava para ser condenado. Deve ter assistido parte do hediondo processo. Impotente, sem prestígio, sem condições, essa pequena mulher ficou, distante, à espreita do que ia acontecer. Não podia gritar. Os soldados romanos, o povo fana-

tizado e fanático não deixariam que sua voz atravessasse o espaço e chegasse até aos ouvidos desse que era o mais belo dos filhos dos homens. Quando Pilatos apresentou Jesus às turbas e Maria ouviu o grito de condenação parecia morrer antes da hora. A única coisa que dizia baixinho era: "Fiat". Mordendo os lábios, ela sofreu com o filho as dores do desprezo daqueles para os quais ele viera.

Caladamente, discretamente na fé, ela foi sofrendo. Deve ter experimentado alegria quando Simeão, de Cirene, ajudou a Jesus a carregar o instrumento do suplício. E no caminho do Calvário deve ter Maria feito a si mesma muitas perguntas que ficaram sem respostas: "Como Deus poderia realizar suas promessas se agora aceitava a morte de seu filho? Por quê? Por que tudo isso?" Sem desespero, mas com seu interior sangrando, Maria ouviu o martelar dos cravos na carne do filho. "Por que esse rosto tinha sangue, suor, escarros, sangue? Por quê?" Maria deve ter mordido os lábios e seu sofrimento foi semelhante à dor daqueles momentos em que não temos mais forças para nada dizer, daqueles momentos em que não adianta gritar. Ela fica ao pé da cruz, como um soldado. Tem ao seu lado João, apóstolo fiel. A mãe não tinha mais coragem para olhar para o alto onde estava suspenso o Cordeiro de Deus, o Servo de Javé e ela compreendia então a plena densidade das palavras do velho Simeão. Esse condenado inocente, esse leproso, era seu filho. "Por que tudo isso?" É possível que tenha ouvido seu filho pronunciar aquelas duras palavras: "Meu Deus,

meu Deus, por que me abandonaste?" Cessa o tempo dos porquês. Nada mais há a fazer a não ser morrer com o filho. Ecoaram aos seus ouvidos de modo retumbante suas próprias palavras ao anjo. Seu "fiat" ganhava nova dimensão. "Faça-se em mim segundo tua Palavra". E juntos, mãe e filho, se entregaram nos braços do Pai. Lá Maria é Maria das dores, Maria de todos os sofrimentos, Mãe dos desamparados e daqueles que parecem sem futuro. Por isso o Concílio do Vaticano II ao falar de Maria assim se exprime: "Assim a B. Virgem avançou em peregrinação de fé. Manteve fielmente sua união com o Filho até à cruz, onde esteve não sem desígnio divino. Veementemente sofreu junto com seu Unigênito. E com ânimo materno se associou ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima por ela mesma gerada" (4).

O Deus das promessas não poderia falhar, apesar de todas as aparências contrárias. Tudo parecia indicar que ela se enganara, mas ela tinha certeza da fidelidade do Senhor e só cabia-lhe retribuir ao Senhor uma fé/confiança. Desceram depois o corpo lívido e frio de seu filho. Tentava aquecer o corpo do filho, ela que era uma viva-morta. Deus lhe havia dado um filho. Esse filho cersceu e amou os homens. Os homens lhe devolveram o filho morto. Mas era preciso continuar firme, numa fé que se transformaria em esperança porque o Servo de Javé deveria ver a glória. Não haveria de ser entregue à corrupção. Era necessário continuar a fazer confiança no Senhor das promessas. Como tudo isso seria possível? Todas

as perguntas que pudesse fazer tinham como única resposta a fé naquele que tudo pode e tudo prevê segundo seus eternos e sapientíssimos desígnios. Nessa ausência de Deus Maria sentia sua presença mais do que nunca.

## 5. A Mãe da fé da Igreja

Passados os dias da paixão do Filho, Maria desce a colina do suplício e espera a aurora que Deus prometeu. Depois da Ascensão do Filho quando ainda tudo parecia meio vago Maria fica ao lado dos apóstolos no Cenáculo na espera da força do alto, da vinda do Espírito. As Escrituras falam que os apóstolos perseveraram na oração com a presença de Maria. Ela deve ter implorado a força do Espírito sobre esse pequeno núcleo da Igreja. Assim como o Espírito pairara sobre ela para gerar a Cabeça, agora Maria cria que essa mesma força do Espírito haveria de pairar sobre esses que formavam o primeiro núcleo da obra de seu Filho. Tudo parecia tão

frágil! Esses pescadores tão inconstantes! Esses homens que tinham sido alvo de um cuidado especial e que, na hora da prova, tinham se omitido vergonhosamente! Mas era necessário continuar a crer que o desígnio de Deus não falharia e Maria fica ao lado dos frágeis primeiros cristãos e discípulos de seu Filho até que venha a força do Alto.

## Conclusão

Terminamos, assim, nossa breve caminhada de meditação desta figura única de Maria. Mulher do sim que tem suas conseqüências. Mulher de fé na ação daquele que atua no mistério da minha vida pessoal e no coração das articulações da história. Próxima de Abraão, Maria é modelo da fé para todas as gerações. Fé que nada tem de supersticioso, de intelectual, de cerebral. Fé que é adesão e resposta à Palavra de Deus. Fé que clareia e ilumina cada um dos passos. Fé que é tão forte que penetra até a própria morte.

## NOTAS

(1) BOFF, L., **O rosto materno de Deus**, Vozes, Petrópolis, 1979. Do mesmo autor: **A Ave Maria**, Vozes, Petrópolis, 1980. Vários autores, **O Culto a Maria Hoje**, Paulinas, S. Paulo, 1980. As obras de L. Boff mencionadas oferecem

farta e rica bibliografia sobre Maria. (2) Os principais textos bíblicos a respeito da figura de Abraão são: Gên 12,1-9; 15; 21; 22,1-19. (3) LECLERC, E., **O povo de Deus no meio da noite**, Ed. Franciscana, Braga, 1979, pp. 145-146. (4) Constituição Dogmática, **Lumen Gentium**, n. 58.

# A IGREJA MUDOU. EM QUE E POR QUÊ.

*A Igreja seria irresponsável se, vivendo entre os homens e para os homens, ficasse indiferente ou insensível à contextura de uma situação que efetivamente nos desumaniza. Por sua natureza, todavia, não lhe incumbe apontar, em concreto, modelo alternativo.*

**Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ**  
Rio de Janeiro, RJ

Os jornais estão cheios de entrevistas e declarações, de artigos e análises, de notas e tomadas de posição a respeito da Igreja Católica e de sua atuação, sobretudo em relação ao Estado, ao Governo, à situação do país. Não é pequeno o contraste de enfoques e pareceres.

A recente expulsão de um sacerdote exacerbou e dramatizou o quadro de relações Igreja-Estado que se vinha deteriorando há tempos. A visita do Papa, a parte ativa que ao Governo coube em sua organização e realização, afigurou-se a alguns como ocasião propícia para atenuar conflitos. Poucos meses depois, ia por terra esta esperança. A CNBB

se perfilou incondicionalmente atrás do Pe. Vito, embora não faltasse quem reconhecesse que algumas das expressões por ele usadas poderiam ter sido mais felizes na formulação e menos passíveis de serem instrumentalizadas por quem pretendesse o desfecho que afinal se consumou. Em Roma, cardeais e bispos brasileiros, presentes ao Sínodo, com ele se solidarizaram e abriram mão de um convite da Embaixada. De lá para cá, as relações só se esfriaram, em que pesem as visitas cardinalícias do Ministro da Justiça. Não passou despercebido o fato de que uma gripe muito a propósito justificasse o adiamento sem prazo do encontro marcado com o Presidente da CNBB, no dia seguinte à publicação de uma nota desta instituição. Dela foi também de algum modo eco qualificativo o elenco de seis pontos enunciados, embora a título

---

*Transcrito do JORNAL DO BRASIL, dia 11 de janeiro de 1981. Caderno Especial.*

pessoal, por um assessor-chave da CNBB no painel realizado na Fundação Getúlio Vargas sobre as relações Igreja Estado.

No entanto, se o foco tem caído sobre o binômio Igreja-Governo, a tensão é algo de muito mais abrangente. Ela envolve o quadro amplo de Igreja-Sociedade. Sob **Igreja**, entenda-se sobretudo **Hierarquia** ou **Clero**, no Brasil, em sua parcela mais ativa. Sob **Sociedade**, leia-se poder político e econômico, em geral, no Governo ou fora dele.

A Igreja que agora está no palco e protagoniza um papel no cenário nacional não é mais o mesmo ator que muitos ainda se figuram. Aquela Igreja que tranqüilamente educou, que deu um toque, a um tempo sentimental e "social", aos grandes acontecimentos de suas vidas. A Igreja que, por séculos, pactuou com os que, de cima, geraram e construíram a sociedade que hoje conhecemos. Ora, a Igreja mudou. Em que e por que mudou? A resposta a esta pergunta-chave pode ajudar-nos pedagogicamente a captar a realidade atual da Igreja e sua conseqüente atividade, no específico do quadro brasileiro. Dá-la de maneira exaustiva nos levaria para além dos limites de um artigo. Vamos tomar alguns traços significativos. Não temos pretensão de acertar sempre com a melhor escolha. Mas, os que se vão seguir são de peso, por certo.

A Igreja mudou, em primeiro lugar, na sua compreensão do Homem. Ancorada há séculos numa visão essencialista, herdada do substrato helênico de sua codificação

doutrinal, a Igreja via no homem sobretudo a alma. Redimi-la e salvá-la espiritualmente era a tarefa primordial. O corpo lhe merecia atenção também. E a Igreja resistiu fortemente a todos os assaltos diretos ou disfarçados de dualismo em sua história. Ao longo dos tempos, ela mobilizou vontades, para se entregarem por toda uma existência à saúde dos enfermos; à sobrevivência mesmo dos meninos monstros, à recuperação ou agilização dos excepcionais. Num corte através do tempo, vemos que em torno das chamadas "obras de misericórdia corporal" a Igreja levantou uma vasta e fecunda ação de tradicional eficiência junto aos homens. Mas, o corpo para ela, se tinha valor em cada indivíduo, pesava menos quando em jogo estava o todo da humanidade e a natureza de sua missão evangélica como Igreja. Isto ensejou o teor espiritualizante, mais acentuado e, às vezes, exclusivo mesmo, de grande parte de sua história. É o que caracteriza a tríplice leva de sua expansão missionária, a dos tempos dos Bárbaros, a da época dos descobrimentos e colonização, nas Américas como na África, e a mais recente ainda, nos anos 20 e 30 deste século. Isto ajuda também a compreender que a Igreja fosse presa do individualismo que marcou os tempos modernos. Ao mesmo tempo, no século XVII e XVIII, ela se encapsulava fortemente numa espiritualidade pietista e numa devoção privatizante, embora visse florescer, daí até o século XIX, congregações religiosas dedicadas à assistência hospitalar e social.

## Corpo e alma

A descoberta do Homem, integrado e psicossomaticamente condicionado e interdependente e a compreensão da História como processo, que os tempos modernos enfatizaram pela vertente das ciências da natureza e das ciências humanas, não poderiam deixar de afetar também a Igreja na sua compreensão do homem. Ela passou a vê-lo, por um lado, em sua realidade una e total de corpo e alma, de espírito e carne, de indivíduo e pessoa. Mas captou não menos a enorme importância de situar o homem na história, de entendê-lo sempre no contexto ativo de suas relações com os outros homens. Isto não era novo. Está, inclusive, muito presente tanto em São Paulo, como em vastas áreas da literatura patrística. Mas, o que é novo, é a passagem de uma concepção antagônica, conflitante, embora não dualista, para uma perspectiva a um tempo integrada e dialética na visão dos dois pólos da realidade única que é a pessoa humana.

Por outro lado, situado na história, caminhando com ela e construindo-a pela responsabilidade de suas ações e atitudes, o homem passou a ser para a Igreja a um tempo um ser concreto, embutido num tecido social e cultural, algo de muito mais ativo e significativo do que era numa concepção tradicional e estática da história e da sociedade. Esta é vista agora muito mais como resultado das vontades dos homens. Estes por sua vez, são compreendidos à luz de um Deus que se revela como Amor e como Pai. São, pois, filhos de um mesmo Pai, radical-

mente irmãos. Para todos eles é igualmente redentor o sacrifício de Jesus Cristo. Não está em questão a inegável diversidade de talentos e capacidades. Mas aflora, mais viva do que antes em base às mesmas premissas, uma consciência forte da igualdade de direitos e da necessidade de que atinjam todos um nível básico de viabilidade de uma vida digna, que lhes permita ser, viver, trabalhar, alimentar-se, multiplicar-se, educar seus filhos, conviver em paz com eles e com os outros homens. Não cabe mais, pois, dirigir-se somente a alma para pregar um evangelho que salve a alma. Tudo isto pode ser esvaziado ou violentado por dentro, a partir da precariedade das condições do corpo ou de pressões a ele impostas e por ele necessariamente repassados à alma, incontornável unicidade do ser pessoal de cada homem e do complexo social dos homens todos. Não é através precisamente do mundo concreto e da história que ele constrói na vida, em meio ao cotidiano da atividade econômica, política e social, que o homem se realiza e, do ponto-de-vista cristão, se orienta para a sua salvação? Não pode ser, pois, indiferente, nem mesmo passar a segundo plano, o contexto social no qual se insere a pessoa humana. A Igreja se entende chamada a defini-lo positivamente na sua índole sócio-econômica ou no seu perfil político. Considera-se, contudo, credenciada em força mesmo de sua missão de ajudar os homens a acolher Deus que se revela ao homem todo e aos homens como um todo, para rejeitar e denunciar toda forma de organização social que, ao seu ver, impede

às pessoas ou nelas dificulta o acesso a este mínimo de dignidade de vida que garanta ao homem ser homem e dê sentido ao anúncio de um Deus que é Amor e que é Pai, acarretando a ilação, pois, de que são irmãos todos os homens.

Uma sociedade, portanto, que por sua mesma construção estrutural torne inviável a realização deste destino comum a todos, é inaceitável para a Igreja. Isto é um passo realmente novo, um enriquecimento na compreensão de sua própria missão. Porque esta mesma Igreja foi parte institucional de sociedades injustas, foi destinatária de privilégios, foi conivente com situações de violência, foi discriminadora de populações, foi estratificadora de camadas sociais tornadas incomunicáveis entre elas. Em tudo isto, ela, como instituição humana que também é, no tempo e na história, estava antes se amoldando ao tempo e perdendo a perspectiva da fidelidade à sua vocação na história: a de ser anunciadora, em todos os tempos, de que os homens devem poder viver como pessoas e como irmãos, porque Deus é Pai para eles. Neste sentido, a Igreja hoje se reaproxima de sua inspiração primigênea. Pode, por isso mesmo, ser mais livre em relação às instituições com as quais conviva. Talvez venha mesmo a tornar-se mais livre em relação às suas próprias configurações institucionais, na medida em que as reconheça em parte ou no todo inadequadas ao serviço dos homens por amor a Deus e ao serviço de Deus nos homens, razão única de sua existência como Igreja.

## Pessoa e sociedade

Sem abandonar a perspectiva do indivíduo, a Igreja ampliou o leque de sua avaliação ético-moral. Esta passa hoje pela pessoa e pela sociedade. Melhor dito. Focaliza a pessoa, mas não quer considerá-la fora do seu contexto social. Por muitos séculos, a Igreja sublinhou mais e, não raro, apenas o nível privado da consciência individual. Era aí que ele identificava o pecado. Aí buscava o fiel a purificação, na privacidade de um sacramento que não lhe envolvia, pelo menos conscientemente, a vida profissional e o desempenho social. E, da treliça do confessional, levantava-se ele ou ela — rei ou rainha, tirano ou cortesã, comerciante ou colonizador, bispo ou sacerdote — tranqüilo consigo e sem preocupação com os outros. Em decorrência desta visão, a Igreja tornou-se, por vezes, cúmplice direta e tácita, no todo ou em parte, de crimes históricos, cuja aberração ela agora reconhece e nos quais intui o seu próprio pecado.

A consciência da Igreja aponta hoje para uma dimensão social do ato humano. O que de bom ou de mau se faz repercute sempre sobre os outros. Desencadeia um processo de longo alcance, cujas fronteiras vão muito além do que suspeita a imaginação do indivíduo. O pecado, portanto, tem sempre uma dimensão social. A negação do amor e da verdade — e está nisto o núcleo de qualquer pecado — quando arvorada em esquema coerente de prática social, torna-se uma estrutura de pecado. Em outras palavras, os homens que participam da articulação ideológica e operativa deste

processo, estivessem muito embora, por hipótese, acima de qualquer suspeita no campo de sua consciência individual, não poderiam eximir-se da responsabilidade quanto ao alcance social de seus atos, potenciados por um quadro estruturalmente injusto, isto é, que solapa o amor e a verdade, e o faz em macroescala. É neste sentido que a Igreja, do seu ponto-de-vista, pode falar de um sistema injusto (e, portanto, pecaminoso), em que pese a identidade laica e secular de um Estado ou de uma Sociedade em concreto. O pecado aí não se refere primordialmente ao foro individual da posição dos homens em relação a Deus. Ele se configura na frustração ou na ferida ética do que é devido aos homens. E isto independe da natureza religiosa ou não de um grupo ou estrutura social. Na perspectiva do Evangelho, porém, não existe falha contra o homem que não seja também pecado contra Deus. A mentira, pois, a falsa informação, a corrupção, sob todas as formas, a tortura, a discriminação, os privilégios de uns ao preço dos direitos de outros, a competição desleal, o lucro extorsivo, o consumismo desenfreado, a intermediação criminosa, a imposição arbitrária, a violação do indivíduo, as visões economicistas ou tecnicistas da vida humana e tantos e outros parâmetros, quando vêm a compor a trama intrínseca de uma organização ou sistema social, seja ele público ou privado, Estado ou empresa, são negação ou destruição do amor e da verdade, o são em grande escala. Eles se constituem numa ameaça estrutural ao bem do indivíduo e da sociedade como um

todo. Não há, pois, como calar diante de sua iniquidade. Quando Poder ele mesmo ou vinculado de algum modo ao Poder, um tal sistema pode tornar-se gerador permanente de conflitos graves e, portanto, foco de desespero e violência.

Como uma tal visão, a Igreja não se pode compreender reduzida à sacristia, como a desejam alguns, confinada à pura sacramentalização das almas e ao seu conforto individual. Ela continuará fazendo isto, pois aqui está também parte fundamental de sua missão. Mas a Igreja insiste agora em que as pessoas a ela vinculadas saibam o que estão fazendo e porque o fazem. Ela não mais deseja ser apenas parte decorativa de álbuns de família. Daí a exigência dos cursos de noivos antes do casamento, de pais e padrinhos, antes do batizado, dos candidatos, antes da crisma. Daí o esforço para tornar compreensível a liturgia, simplificá-la, expressá-la na língua dos destinatários, abrindo-lhes espaços de comunicação e participação. O importante não será mais a formalidade do rito e menos ainda sua conotação "social". É na coerência com esta linha que vemos avolumar-se as resistências também de alguns sacerdotes às missas convencionais de sétimo dia, às missas de caráter puramente cívico ou mesmo folclórico, nas quais passa a segundo plano ou simplesmente se perde o significado propriamente religioso do ato. A Igreja quer a participação consciente e responsável de quem vivencia a sua fé através do sacramento. Não só, mas cada vez ela compreenderá menos que isto se faça ao nível exclusivo da privacidade de indivíduos isolados. Ela

se redescobriu como comunidade, um dos traços fundamentais de seus primórdios. Ela se redefiniu como povo, como pessoas humanas que buscam juntas a realização do amor e da verdade na própria vida, na vida dos outros e na trama estrutural da vida de todos.

Tendo acentuado durante séculos uma rígida organização hierárquica, vertical e piramidal, a Igreja, depois do Vaticano II, descentralizou-se bastante. Criou instâncias de consulta e de participação em diversos níveis. Os Sínodos Mundiais dos Bispos, as Conferências continentais, nacionais e regionais dos Bispos. Os Conselhos Presbiterais, ao nível das dioceses e os Conselhos Paroquiais. A distância entre Bispos, Sacerdotes e Povo tem diminuído sensivelmente. A Igreja, que no Concílio se explicitou como Povo de Deus, buscando de volta uma das mais antigas imagens bíblicas, rompe, através das mediações comunitárias, a sociedade despersonalizada, anônima, competitiva, massacrante, que foi criada pelo individualismo moderno e se implantou no mundo como paradigma social.

### **O lugar das Comunidades Eclesiais de Base**

É neste contexto que surgem, sobretudo no Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Vinculadas à Hierarquia, mas primordialmente leigas as CEBs querem tornar-se não só um ponto comum de apoio para o crescimento na fé, mas também um entroncamento de reflexão, de partilha, de apreciação crítica, de soma de esforços, em função do bem da própria comuni-

dade, ao nível de cada participante e de todo o grupo.

Em contraste com um processo catequético, no qual um pacote doutrinário era passado às pessoas, no vocabulário e simbologia de uma cultura estranha, a Igreja transforma lentamente a sua ação pedagógica. São as pessoas mesmas que, antes de tudo, devem descobrir-se como pessoas, no seu quadro cultural. Gradualmente, irão avançando, então, na articulação entre suas vidas, a vida dos outros e a necessidade ineludível de Deus. A Bíblia é lida não mais como um livro estático do passado, para ser sabido ou citado. Ela é, sim, Palavra de Deus, mas há de ser confrontada com o dia a dia da realidade vivida pelos homens. As pessoas, mesmo as muito simples, se encontram com freqüência nos personagens e nas situações que a Bíblia lhes oferece, porque, no horizonte de cada um de nós, caminha de novo a História da Salvação. Mas, uma vez ainda, também aqui os membros das CEBs não se pensam em termos de almas puras, de espíritos desencarnados. São gente de uma situação concreta, com problemas, pois, dificuldades e lutas. Tudo isto emerge e deve também ser pensado e discutido. Para tudo é preciso encontrar solução.

Como as CEBs se encontram principalmente nas zonas rurais, no pequeno interior e nas periferias das grandes cidades, a Igreja se constitui, através delas, num corpo capilarmente sensibilizado e, não raro, traumatizado, pela imensa pobreza destas populações. Pobreza toma forma de fome, de desemprego, de analfabetismo e falta de hi-

giene, de desnutrição, de carência de habitação e condições de vida. Pobreza se chama trabalho, praticamente sem salário ou com salários insuficientes, mortalidade infantil, menores abandonados aos milhões. Este contato direto com a realidade que nos grandes centros não vemos ou queremos esconder, revelou à Igreja o sofrimento dos que não têm terra ou, pior ainda, dos que sumariamente são expulsos das terras que trabalharam por séculos ou décadas. A Igreja olhou em torno de si, em quase todos os quadrantes do país, e viu que estes eram a imensa e esmagadora maioria de nossas populações.

A realidade tem sido metodologicamente, ponto de partida obrigatório de toda análise, planejamento e avaliação da Igreja em seus diversos níveis. Foi por aí que ela se descobriu tão estreitamente vinculada às chamadas elites, às minorias favorecidas, privilegiada ela própria. Foi ainda em contato com estas faces díspares da realidade que ela constatou quanto a própria estrutura de nossa organização social se afigura estar montada em boa parte para que as coisas assim fiquem ou, quando não, pelo menos para que não se mudem com a urgência que se manifesta imperativa. Tudo leva a que os que têm tenham sempre mais. A que os resultados do progresso toquem apenas marginalmente ou não beneficiem em absoluto vastas camadas de nossa gente. E, no entanto, são elas as que mais precisam. Nelas é o país que clama pelas condições de sua própria viabilidade. Próxima do povo numa grande escala, em experiência nova para ela mesma, a Igreja vem sen-

tindo sempre mais a impossibilidade para tanta gente de viver numa situação que tende a agravar a miséria e em tantos provoca o desespero. Ela sente a montante concentração de recursos em mãos de poucos. Ela ouve uma retórica difusa, à qual correspondem atos expressivos, mas diminutos frente à realidade maior — e aí estão as inaugurações — que não abalam todavia a contextura estrutural da atual organização de nossa sociedade. Esta priva de participação e representação autênticas. Constrói o desenvolvimento sem uma atenção verdadeira ao homem ou o faz até mesmo contra ele. Gira em torno exclusivo da dimensão econômica ou técnica os negócios de Estado que afetam a fundo a sorte global da população.

A Igreja sentiu a futilidade de uma faixa reduzida, que vive o paroxismo da ostentação e do luxo, do esbanjamento agressivo e que arma, em função disto, a sua vida, seus negócios, sua parte nas fatias de Poder. A Igreja percebe com tristeza a contradição de uma classe média, sofrida e atormentada também ela, minada, porém, por um consumismo mimetista, que se abastece culturalmente numa televisão alienada e alienante e importa padrões de vida e de trabalho em total desacordo com a realidade do país em que se encontra. E não é verdade que por vezes deparamos com gente no Brasil, cujo ideal maior é ver se consegue galgar, através da negociata, da intermediação ou do golpe, o degrau que a separa da tênue nata que trabalha para se locupletar ou que se locupleta sem trabalhar? Não há os que consideram isto uma proeza ou uma vitória?

## Opção pelos pobres

Foi face a este quadro, denso de sombras na vida econômica e que ameaça desintegrar-se, social e humanamente, quer pela inspiração puramente competitiva e concentradora, quer pela ausência de uma concepção social, efetivamente orientada para o bem comum, que a Igreja resolveu falar por esta imensa maioria que não tem voz nem vez. Dez anos depois de Medellín, ela catalizou em Puebla o melhor de sua própria experiência junto ao povo. Confrontada com sua missão de ser portadora de salvação para o homem todo e para todos os homens, a Igreja hierárquica da América Latina tornou explícita sua opção preferencial pelos pobres. Não é de pobres a esmagadora maioria de nossas populações? Não faltam a elas as condições mínimas de vida e de convivência humana? A Igreja sabe que pobres sempre teremos entre nós. Considera, no entanto, que a situação extrema da pobreza no continente e no país é uma realidade não conjuntural mas estrutural. Em outras palavras, a sociedade latino-americana e, nela, a sociedade brasileira são injustas na índole mesma de sua organização e inspiração. É contra este estado de coisas que tem raízes profundas — e não contra os eventuais apuros de uma fase transitória e episódica — que a Igreja ergue a sua voz. Ela pede e, em nome destes povos que a constituem, exige uma transformação estrutural, um novo modelo de concepção social. Esta massa imensa de cidadãos marcados pela pobreza, pela dependência e por angustiante incerteza e insegurança,

sem vislumbre de esperança realista para o presente e para o futuro, não pode ser aceita passivamente pela Igreja e não pode constituir, de resto, projeto de nação alguma, que se pretenda digna deste nome.

Esta opção teve em pouco tempo, notável alcance sobre a vida interna da própria Igreja. Esta começou a questionar a fundo sua própria ação, suas obras e instituições, o processo de formação de seus membros e lideranças. A consciência desta opção levou a deslocarem-se para áreas depressas numerosos religiosos e religiosas. Eles passam a partilhar a sorte e o estilo de vida dos habitantes mais carentes de nossa zona rural ou das periferias urbanas. Por outro lado, inicia-se uma desativação de obras, cuja natureza ou circunstâncias concretas de operação conduzem antes à manutenção, ao reforço do **status quo**, de concentração e privilégio. Finalmente, tenta-se reorientar aquelas que podem ser instrumentos de anúncio, de denúncia ou tomada de consciência a respeito desta situação de impasse social, cuja solução é vital para a Igreja do ponto-de-vista de sua missão entre os homens e deve ser não menos vital para o Estado, desde o ângulo de um válido projeto de Nação. O que a Igreja quer entender sobretudo com a “opção preferencial pelos pobres” é que por eles deva passar necessariamente ou neles tenha sempre seu ponto de partida todo enfoque de organização social, todo projeto político ou todo o processo econômico. O crescimento do país, a índole de seu desenvolvimento, suas perspectivas de relacionamento internacional não se poderão fazer a par-

tir da ótica e da situação de alguns poucos que vivem no Brasil padrões e aspirações aristocráticos. A construção nacional deve levar em conta primordialmente este caudal humano de deserdados, marginalizados em todos os sentidos, social, econômica, política e culturalmente.

Mas, como fazê-lo no quadro rígido de um neocapitalismo com características arcaicas, superadas já e obsoletas em países afins, de tal modo é concentrador e depredador de recursos humanos e materiais? Como fazê-lo com tão poderosa presença estatal, que domina a vida econômica do país e intervém abusivamente a todo momento? Como fazê-lo quando o país se estrangula sempre mais em sua dependência financeira externa? Como fazê-lo quando os agentes externos da tecnologia e do capital são os que ditam as normas de sua implantação e não são, pelo contrário, contidos por um Estado isento e firme dentro dos limites dos reais interesses da Nação? Como fazê-lo quando o país se estiola em sua capacidade de ampliar significativamente o seu mercado interno, devido à crescente inflação, que rói o já escasso poder aquisitivo dos brasileiros que lograram acesso ao mercado de trabalho, para não mencionar os que lá não chegaram? Como fazê-lo se estamos confrontados com um projeto de desenvolvimento, centrado predominantemente e não raro exclusivamente sobre a dimensão econômica? Realisticamente, ela é fulcral e indispensável, mas não pode ser operada como se o homem brasileiro não tivesse também outros reclamos fundamentais.

A Igreja ao ser sensível a tudo isto, não está sozinha. Ela não está senão fazendo eco, como comunidade humana que também é, àquilo que preocupa e atemoriza a consciência nacional de toda a população adulta e responsável do Brasil, aquilo que aí está veiculado de muitos modos e por todos os canais de comunicação. Ela não minimiza a complexidade dos problemas, em suas coordenadas nacionais e em face da intrincada conjuntura internacional. Por sua natureza institucional, não lhe incumbe apontar nem sugerir em concreto modelos alternativos. Mas ela seria irresponsável se, vivendo entre os homens e para os homens, ficasse indiferente à contextura de uma situação que efetivamente nos desumaniza. A uma fórmula de sociedade que nos pede um preço altíssimo, como indivíduos e como comunidades, sem um retorno convincente em qualidade e melhoria de vida e atendimentos aos direitos fundamentais e às necessidades básicas de todos os que a integram.

É sabido haver círculos chegados à Igreja, como os há, de resto, em outras muitas áreas da realidade brasileira, que aventam como desejável a implantação de um socialismo. Decoram-no com tantos adjetivos, que não contribuem afinal para identificar com precisão o substantivo. Na quase totalidade dos que constituem a Hierarquia, há, contudo, uma consciência bastante clara, da precariedade das concretizações históricas de todas as formas de socialismo que conhecemos. Não se ignora que é forte o tributo das liberdades individuais, grupais e nacionais a ser pago por uma certa

média de direitos sociais. Sem poder nem querer definir o modelo ou sistema, a Igreja no Brasil postula, como não raro tem enfatizado, algo de diferente e original, capaz de articular criativamente elementos válidos das duas tendências que ora polarizam o mundo e juntar-lhes ainda outros ingredientes indispensáveis. Talvez poucos países tenham como o Brasil certos pressupostos de cabedal humano e material que ofereça condições de possibilidades para um novo projeto de nação que venha a edificar uma sociedade mais justa. Mais isto não se fará sem ampla participação dos brasileiros em todos os níveis de ação e representação. Só isto dará credibilidade e estrutura a uma nova ordem política e social do que se pretende chamar de Nação.

### **Mudanças e equívocos**

Há, difundida na consciência de quase todos os homens de Igreja, uma convicção de que as decisivas transformações estruturais não poderão vir simplesmente de cima para baixo, como que outorgadas por uma pequena elite. Elas terão de emergir também e substancialmente dos diversos estratos da população e, sobretudo, daquele que a constitui em altíssimo percentual: das camadas populares, pela educação popular e pelos projetos das inúmeras comunidades de interesses. Aí está a chave de confiabilidade junto a Igreja de movimentos como o da formação de Comunidades Eclesiais de Base. Esta é também a razão de ser da crescente implementação na Igreja de estruturas de participação e de comunhão, o binômio que em Puebla se fez paradigmático. E na-

da nos revela tanto a mudança profunda da Igreja Católica em nossos tempos. Uma instituição marcadamente monárquica e hierárquica, sem deixar de sê-lo, abre-se cada vez mais a mecanismos de auscultação, consulta, planejamento e avaliação participativos. Uma instituição que ontem considerava a pobreza como uma espécie de fatalidade, uma situação, a ser passivamente aceita e tinha para o povo sofredor palavras sobretudo de exortação à conformidade, à paciência e o apelo para uma recompensa eterna. A Igreja de hoje continua vendo a liberdade interior em relação aos bens materiais um grande trunfo de crescimento na fé e na capacidade de abrir-se ao outro. Mas não toma a maldade dos homens como projeto de Deus. Muito da pobreza que aí está é obra de injustiça. É portanto, produto humano. Outros homens devem lutar para que se implante um mundo que não seja estruturalmente injusto. Esta Igreja confia nos homens, conta com eles. Ela se entende como comunidade de homens que devem construir a história de acordo com os planos de Deus. Estes são planos de justiça, de verdade e de amor. E deve ser possível fazer passar por eles o tecido político, econômico, social e cultural de uma Nação. Isto está nos antípodas de um modelo materialista, seja ele disfarçadamente ateu e desumano, como o capitalismo, tal como o conhecemos e experimentamos, seja ele militante e declaradamente ateu, presa de uma falsa concepção do homem, como o socialismo comunista, assim como o vemos encarnado em sociedades concretas de vários matizes e latitudes.

O equívoco do poder, qualquer que ele seja, é pretender ignorar a transformação da Igreja e tratá-la como se ela fosse ainda a prestigiosa instituição tradicional de ontem, comprometida com os que dominam e pouco crítica no relacionamento com eles.

O equívoco é escandalizar-se farsaicamente com a transformação da Igreja e, sem conhecê-la a fundo, hoje e na sua história, pretender, de fora, ditar-lhe as balizas de acomodação e orientação externa e interna.

O equívoco é buscar refúgio na denúncia de uma possível inspiração comunista dos postulados, manifestações, reações e atividades da Igreja, ao analisar e avaliar negativamente as falhas estruturais de nossa realidade. O equívoco é focalizar apenas ou mesmo extrapolar tendenciosamente desvios inegáveis ou extremismos fáceis de alguns indivíduos ou grupos de Igreja. Exageros e falhas existem sempre em todo grupo humano e se devem lamentar. Mas não é pela sua falsa generalização que podemos escusar-nos, consciente ou inconscientemente, deste

questionamento mais profundo das estruturas de nossa sociedade ao qual a Igreja nos convida e que ela começou por fazer consigo mesma.

O equívoco é partir para avaliar em termos de segurança, injustiças patentes e muito bem localizadas, no conflito de terras, propriedades, divisas, reservas indígenas e outros problemas afins, recusando ou incriminando aí o envolvimento desta diuturna testemunha ocular que tem sido a Igreja.

O equívoco é pensar que atentados, seqüestros, repressão sob qualquer forma vão resolver problemas graves e estruturais. As pessoas passam. Os problemas, se não enfrentados e resolvidos, com honestidade e competência, ficam e clamam sempre por solução.

O equívoco é pensar que uma sociedade que cada vez mais toma consciência da urgência de sua participação e do valor de sua possível contribuição chegará a ser uma grande nação, se nela não circular a seiva vital de uma representação autêntica, diversificada, livre e plenamente responsável.

### Quais as características de um formador?

O formador deve ser um líder. Logo, suas características devem ser aquelas de um líder cristão. Enumero aqui algumas destas características: (1) **Zelo pela retidão e justiça.** (2) **Amor Fraternal.** "Quem ama seu irmão permanece na luz e nele não há escândalo" 1 Jo 1,10. (3) **Paciência.** (4) **Bom exemplo.** "Jesus começou a fazer e a ensinar" At 1,1. Estas e muitas outras características de um formador estão expostas à página 226 desta revista. Aliás, não deixe de ler todo o artigo que começa na página 216.

# FORMAÇÃO, PROCESSO INTEGRAL E INTEGRADOR DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL

*“Sentimos que os termos formação e formação contínua não devem ser mais usados. Falemos de crescimento no seguimento de Cristo, no contexto histórico da pessoa, segundo o carisma particular do Instituto para o bem da Igreja”.*

**Pe. Jaime Sullivan, OMI**  
Rio de Janeiro, RJ

## **O Processo, o Formador e a Equipe de Formação**

Não parece que haja uma longa lista de espera, nem uma fila de pessoas ansiosas por ser nomeadas ou eleitas para dois cargos na vida religiosa: o de provincial e o de formador. De fato houve inclusive ocasiões em que pessoas designadas para estes cargos os recusaram e, graças à possibilidade de diálogo, tiveram a oportunidade de se eximir. A competição ocasional, invejas havidas em outros tempos, o jogo político para a obtenção de posições de liderança têm diminuído, se não desaparecido completamente.

A honra de ser chamado Provincial, Mestre de Noviços ou Mestra de Noviças, Diretor de uma das várias etapas de formação tornou-se um privilégio duvidoso. Na verdade isto constitui um sinal de que estes cargos estão sendo vis-

tos como o que realmente são: não posições de privilégio, como as dos príncipes das nações, que têm o domínio sobre elas, mas como um serviço contínuo e árduo. “O que quiser ser entre vós o primeiro, seja vosso servo” (Mt 20,27), para todos os membros da comunidade, um verdadeiro “Lavapés”. Felizmente, já passou o tempo quando alguém, terminando seu mandato como Provincial ou como formador, escutava o comentário: “Ele está voltando ao ministério ativo”. “Ele vai fazer um apostolado”. É de se desejar mais e mais que provinciais e formadores vejam seu trabalho como vivência evangélica e um verdadeiro apostolado, e não somente como uma desagradável parada necessária na sua missão real, ou algo que fazem no seu tempo livre, em momentos, por assim dizer, roubados à tarefa real de evangelização.

É para se almejar que estes ministérios sejam vistos como aposto-

lado pelo Reino. Um apostolado que exige uma declaração tríplice do: "Senhor, tu sabes que eu te amo", que conduz a uma dedicação e a uma doação total de si. Nestas páginas desejo me referir somente ao apostolado da formação e este nas suas etapas iniciais. Estou escrevendo para leitores específicos que tenho em mente. Estou escrevendo para um Pe. Pedro, que depois de oito anos na periferia em comunidades eclesiais de base, lutando junto com o povo por seus direitos humanos, teve a coragem de aceitar o convite da Província, e dedicar-se à formação. Estou escrevendo para Irmã Alice que, depois de anos de trabalho com os mais pobres, em programas de evangelização, aceitou ser formadora.

Suas experiências pastorais, participando nas alegrias, dificuldades, sofrimentos e lutas do povo; seu crescimento pessoal ajudado pelos sucessos e fracassos; o processo de criar comunidade com o povo, certamente constituem a melhor preparação que eles têm para ser formadores. A dedicação com que desempenharam seu trabalho para o Reino até agora dar-lhes-á o incentivo para esta missão de multiplicar missionários. Com este e outros artigos quero apresentar uma visão geral de seu novo trabalho em linhas gerais que os ajudarão a se capacitarem mais como formadores.

Há muitas razões pelas quais um religioso recua diante da proposta de ser formador ou, ainda mais, recusa aceitar uma posição de liderança no programa de formação do seu Instituto. Quase todo religioso pode ignorar ou eximir-se inteira-

mente da questão da formação na sua província como, por outro lado, quase todo religioso pode, às vezes, criticar, queixar-se e até resolver todos os problemas e questões a respeito da formação. Como cada brasileiro é técnico de futebol, cada religioso é técnico em formação. Porém, é muito difícil encontrar pessoas com vontade de ir ao campo e aceitar a responsabilidade do jogo.

A propósito, é interessante observar que muitos daqueles que perguntam: "O que está acontecendo em nossas casas de formação?" "O que estão ensinando a estes jovens?" Ou dizem: "Os formadores devem fazer isto ou aquilo", são as mesmas pessoas que evitam qualquer tipo de formação continuada para si mesmas. Entretanto, esta é uma outra questão, a importância e necessidade de crescimento contínuo, que não cabe aqui. Como motivo para evitar o trabalho da formação, alguns diriam que não estão preparados para isso e não saberiam por onde começar. Pode ser uma razão legítima. Porém, se a motivação é realmente evitar os esforços necessários para preparar-se, ou o medo de enfrentar uma situação ambígua, pareceria ser uma fuga da responsabilidade, face ao apelo da comunidade. Os temores que surgem em possíveis candidatos para o trabalho da formação, talvez provenham do fato inegável de que a formação hoje não é o que era nos "bons tempos". Talvez possamos dizer que a Vida Religiosa, ao longo da sua história, tem recebido o tipo de formação que mereceu.

Isto significa que, evidentemente, desde que a formação é a prepara-

ção para a Vida Religiosa, o tipo de formação se adapta ao tipo e às tendências da própria Vida Religiosa nas várias épocas da história. Dado que a própria Vida Religiosa passou por uma evolução nos muitos momentos da sua história, a formação também acompanhou estas mudanças.

## **A Evolução da Formação na Vida Religiosa**

Não é objetivo deste trabalho entrar num estudo da história da formação. Com a ajuda do estudo do Pe. J. B. Libânio, SJ (**As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais**, Vozes/CRB, nº 10) nós podemos captar, em termos gerais e de uma maneira simplificada, alguns pontos importantes no processo de formação, antes e depois do Vaticano II e de Medellín a Puebla. Este trabalho do Pe. Libânio deve ser lido por todos os formadores. Aqui não estou apresentando, de nenhuma maneira, o conteúdo e explicação do Pe. Libânio sobre estas rupturas sócio-culturais e eclesiais que incidiram na vida religiosa. Simplesmente aproveitei alguns itens das descrições da estrutura dos três elementos constantes na Vida Religiosa durante sua história. Tentei fazer um quadro esquemático destes itens para obter uma visão geral a respeito da Formação. A intenção não é julgar o passado ou elogiar o presente, senão colocar uma descrição das várias etapas, não estritamente cronológicas, da evolução das estruturas que muitos religiosos, de fato, experimentaram na sua própria vida.

A formação, ao menos nas suas tendências, superou um sistema que

podemos chamar burocrático num sentido amplo. Era um sistema dirigido com mão autocrática, onde era suficiente o superior falar para que sua palavra fosse aceita. A aprendizagem consistia naquilo que a pessoa devia fazer ou não fazer. A lei era o princípio básico. O tempo de Formação (e era tempo e não um processo contínuo) era designado para aprender as normas e provar-se capaz de segui-las. A fase seguinte na evolução, que tomou mais vigor depois de Vaticano II, parece uma etapa terapêutica, necessária talvez para sanar feridas e aprender a usar devidamente liberdades recentemente descobertas. Era uma etapa de sofrimento e confusão, dominada, em muitos casos, por permissividade ou uma atitude de "laissez-faire". Um conceito novo de autoridade surgiu e, às vezes, deteriorou-se em abdicação de autoridade e liderança. Aqui o acento estava posto na pessoa, sua liberdade e as experiências pessoais subjetivas. Deve ser notado que os elementos constantes de Experiência de Deus, Vida Comunitária e Missão nesta evolução não perdem seu valor, mas precisam passar pela experiência da pessoa e não, simplesmente, ser impostos pela autoridade. Repete-se aqui a experiência dos Samaritanos: "Já não é por causa do que nos disseste que nós cremos, pois nós próprios ouvimos e sabemos que ele é realmente o Salvador do mundo" (Jo 4,42). Uma atitude forte de individualismo prevaleceu nas comunidades, nesta fase.

A formação como a própria Vida Religiosa, evoluiu dessa etapa para outra, que podemos chamar colaborativo-fraterna, em que, tanto o in-

divíduo como a comunidade, com sua missão específica, se interrelacionam e se integram no processo do próprio crescimento. Esta mudança torna-se evidente nas Constituições renovadas de várias Congregações. Nas Constituições da minha Congregação, temos exemplos deste desenvolvimento. Na edição de 1928, que é praticamente o mesmo texto original de 1826, achamos expressões como as seguintes: “treinar seus corações”, “formar Cristo nos clérigos”, “Superiores são obrigados a vigiar rigorosamente a observância exata”, “Vocação colocada à prova”, “ensinar um método de oração”, “fugir do mundo, evitar conversar com leigos”. O texto experimental de 1966 evoluiu para outro tipo de leitura: “Aprender a descobrir o valor positivo”, “treinamento... centrado no desenvolvimento e crescimento”, “cuidar para não exigir inconsideradamente o cumprimento de deveres religiosos, nem qualquer compromisso religioso que não corresponda a seu grau de fé”.

Porém, o texto de 1966 manteve expressões tais como: “vigilância especial” e “treinar”. No texto novo e definitivo de 1980 há uma evolução significativa numa leitura nova com expressões como: “crescimento integral”, “progressivo e contínuo”, “respeitar diversidades”. Enquanto o de 1966 diz: “os diretores e professores em cada casa de formação, devem formar uma comunidade apostólica verdadeira para uma troca comum de idéias, para pesquisa conjunta e uma partilha de experiências”, o texto definitivo de 1980 evoluiu até um outro conceito: “A equipe de formação, jun-

to com aqueles em formação, como discípulos de um só Senhor, constituem uma só comunidade”. Penso que todos podem verificar facilmente este tipo de mudança que se efetuou nos seus programas de formação durante os últimos vinte anos.

Num estudo comparativo de valores dos textos de 1928, 1966 e 1980 da minha Congregação, alguns desenvolvimentos interessantes foram observados na parte da Formação. Houve mudanças estruturais significativas nos três textos. A edição de 1928 não tinha uma parte especial reservada à formação. Esta era tratada na parte geral sobre Governo e se preocupava principalmente com os educadores e a observância das regras. Um capítulo especial neste mesmo setor tratava da admissão ao noviciado e das qualidades exigidas aos candidatos. Em 1966, a “Formação” passou a ocupar uma parte própria das Constituições, que se preocupou tanto com a formação mesma dos noviços e a preparação para a profissão dos votos, como da formação dos escolásticos. Inclui-se também, em 1966, um capítulo novo sobre “promoção de Vocações”. A evolução na formação pode ser notada expressivamente no de 1980, onde a parte própria é mantida, mas é claramente enfocada como um processo de Comunidade, dirigido para, e diretamente ligado à missão e vida, nas duas fases da formação inicial e continuada. O conceito de processo comunitário muda a visão total da formação como um processo e período de treinamento, preocupação e tarefa de educadores, para um processo contínuo de desenvolvimento integral, que perdura ao lon-

go da vida inteira. A pessoa é vista como o agente principal de seu próprio processo de crescimento.

Neste mesmo estudo de valores subjacentes às Constituições, observamos que os valores básicos do Carisma do Fundador e do Instituto eram constantes e demonstravam uma continuidade nos três textos, enquanto que se dava uma evolução evidente de valores que refletiam as mudanças na Igreja e no Mundo, durante o espaço de tempo decorrido entre uma edição das Constituições e outra. 1966 acrescentou poucos valores novos a esta parte das Constituições. Esse texto basicamente reorganizou os elementos de formação contidos no texto de 1928 para dar mais força àqueles valores que refletiam uma fase mais aberta da consciência. É interessante notar que, neste período, quando se salientam a ênfase no desenvolvimento pessoal e a importância da pessoa, o valor da auto-realização aparece como constituindo um objetivo primário para a formação. A importância da comunicação na comunidade e entre os formadores e os formandos é indicada pelo valor do compartilhar/escutar/confiar. O binômio crescimento/expansão também acha lugar entre os valores subjacentes no texto de 1966.

É no documento de 1980 onde esta preocupação com o desenvolvimento pessoal, como um processo integral e integrador, é expresso com mais clareza. O valor de integração/totalidade é incluído como um meio para este crescimento integral e integrador.

Aparecem também como valores, tanto o discernimento pessoal e co-

munitário, como a responsabilidade que exige prestação de contas a respeito deste crescimento. Os acréscimos que aparecem pela primeira vez no texto de 1980, como valores considerados como objetivos primários, são: integração/totalidade, Igreja como Comunidade, Dignidade Humana. Na linha dos meios, os novos valores são: adaptabilidade/flexibilidade, discernimento, avaliação, expressividade/liberdade, Evangelho como guia, responsabilidade mútua, Comunidade como apoio, criatividade, partilha de fé, pobreza como solidariedade, pluralidade, trabalho em equipe. Estes são somente alguns dos valores humanos subjacentes nos artigos do texto de 1980, na parte da formação. Estes valores são as motivações que, quando interiorizados, conduzem à vivência concreta das orientações de vida descritas pelas Constituições. São aqui citados simplesmente para salientar a evolução a partir dos textos anteriores, uma evolução que põe em evidência um processo colaborativo-fraterno de crescimento integral e integrador. Esta análise dos textos levou-nos a uma conclusão: o conceito de formação, em nossa Congregação, evoluiu de uma transmissão de normas e vigilância rigorosa, por meio de um treinamento e estudos, para um desenvolvimento integral da pessoa, em que os elementos de auto-avaliação, responsabilidade, liderança e criatividade ocupam lugar de destaque. Esse ponto do crescimento pessoal para a vida religiosa tem um fundamento evangélico e deve ser acompanhado do discernimento.

Tudo isso é, talvez, o que assusta as pessoas na hora de correr o

risco da aceitação do cargo de formador. Por outro lado, a falta de compreensão, por parte dos formadores, do sentido verdadeiro na formação, como processo de desenvolvimento pessoal integral e integrador, pode causar muita confusão, ou mesmo, dano.

## **Formação como Processo**

Em realidade, a formação sempre foi um processo. Suponho que não haverá ninguém que negue isso. Contudo, há tipos diferentes de processos. Processo vem de "PROCEDERE" — proceder de um ponto de partida dado, passo por passo, por etapas, para alcançar um fim, um objetivo desejado e esperado. O ponto de partida e o fim — o objetivo — são os pontos chaves no processo. Do ponto de vista do sistema burocrático e para alguns, ainda hoje, o processo, na questão de formação, é semelhante a uma linha de montagem numa fábrica. É uma questão de colocar peças no devido lugar. A coisa sendo feita uma vez, não é necessário voltar a pensar ou fazer de novo, senão estar lá para receber as peças no momento preciso. A pessoa que trabalha na linha de montagem não recebe nada para seu próprio crescimento e nem precisa pensar muito, ela somente precisa colocar a peça no seu lugar, no momento predeterminado. Há, entretanto, uma diferença entre uma linha de montagem verdadeira numa fábrica, e um processo de formação considerado como se fosse uma linha de montagem: — Na fábrica, se a peça, uma calota, por exemplo, tem defeito e não encaixa no seu lugar, a peça

mesma é rejeitada e uma outra melhor é usada. Nos programas de formação tipo-linha-de-montagem, se a peça não encaixa, a pessoa é rejeitada, mas nem sempre substituída.

No sistema terapêutico ou permissivo, os formadores valorizam a pessoa, às vezes, até mesmo em detrimento da própria pessoa. Entendem que formação é um processo de crescimento, mas, para eles, o processo funciona e chega ao objetivo por si mesmo, como o crescimento de uma árvore que, uma vez lançada a semente cresce e se desenvolve. Crêem eles que não há crescimento nem aprendizagem senão por meio de experiência pessoal. Em certo sentido isto é verdade, mas há outros aspectos envolvidos na questão, como experiências exigidas pelo fim desejado, capacidade de interiorizar os valores, apoio da comunidade, informações necessárias, confronto e questionamento, etc.

O conceito colaborativo-fraterno de formação como processo consiste em considerar a formação como um processo integral e integrador de desenvolvimento pessoal em comunidade para a Vida Religiosa. De fato, seria melhor se pudéssemos eliminar a palavra "formação" de nosso vocabulário, tanto como de nossas Constituições e Diretórios. Penso, porém, que se levará algum tempo para conseguir isto. Mas esta idéia era a primeira conclusão da XVI reunião da União dos Superiores Gerais em Roma, em 1976. Sentiu-se a necessidade de deixar de lado o termo "formação". No fim do seu estudo sobre Formação Permanente ou Contínua dizem: "Sen-

timos que os termos “formação” e “formação contínua” não devem mais ser usados. Preferimos antes falar de crescimento no seguimento de Cristo, no contexto histórico da pessoa, segundo o carisma particular do Instituto, para o bem da Igreja”

Conheço uma província das Irmãs de Nossa Senhora que não usa mais a palavra “formação”. Estas Irmãs elaboraram e estão seguindo o que chamam “o Programa de Desenvolvimento Pessoal”. Vamos começar a ver o que a formação é como um “Processo Integral e Integrador de Crescimento Pessoal na Comunidade para a Vida Religiosa”. É um **Processo**. Não é um pacote feito, que é simplesmente entregue a uma pessoa. É preciso que se inicie ali onde a pessoa está, e com a pessoa como ela é, acompanhando-a até a consecução do objetivo. O início e o objetivo são os elementos importantes neste PRO-CEDER, neste “ir-a-diante”, passo a passo. É um “CEDER-PRO-ALGO” e, neste caso, é “ceder” em favor da evolução da pessoa. Num processo, cada fase influencia e é influenciada pelas outras. Não há passos rígidos e pré-determinados que tenham que ser cumpridos em horas marcadas.

**É integral.** O processo visa o desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões: espiritual e humana, social, cultural, religiosa, comunitária, intelectual, volitiva, emocional. Permite-lhe crescer equilibradamente em todas as suas capacidades, aptidões e qualidades. Aceita a pessoa como um ser total, integrado num contexto.

**É integrador.** Integra às diferentes dimensões da pessoa, para que sua vida seja uma unidade, e ela seja capaz de integrar sua vocação — a graça, sua vida em Cristo — em uma só totalidade, com todas as suas atividades humanas, suas relações com os outros e com Deus. Integra, também, a pessoa dentro da comunidade e dentro do mundo e suas realidades. Integra todos os ramos de conhecimento humano que são necessários para seu crescimento: filosófico, psicológico, teológico, antropológico e sociológico, faz com que ela continue a desenvolver-se com um senso crítico. Finalmente integra seu conhecimento e sua experiência, considerada esta como parte integrante do próprio processo.

**É um processo de desenvolvimento.** Aqui podemos ver que não é uma questão de formar, mas de crescer. A palavra desenvolver quer dizer “fazer crescer”, tirar do invólucro, fazer progredir, aumentar, melhorar. O contrário — envolver — tem o sentido de conter, trazer em si. A mesma palavra em francês vem de “desveloper”, “veloper” significa embrulhar, ocultar, encobrir. Assim, é um processo que desembrulha, faz visível ou claro o que já está por dentro. Desenvolver quer dizer conduzir, guiar por uma sucessão de mudanças, cada uma das quais prepara para a seguinte.

Formar, por sua vez, sugere a idéia de pôr em ordem, instruir, fixar em um determinado modelo. Uma “forma” é um modelo oco, onde se põe metal derretido que, solidificando-se, tomará a forma fixa desejada. A primeira definição de

“forma” é a seguinte: limites exteriores da matéria de que é constituído um corpo e que conferem a este um feitio, uma configuração, um aspecto particular. Nesse sentido, somente Deus e os pais formam a pessoa. Deus já fez a pessoa a sua imagem. O processo de desenvolver deve fazer esta imagem de Deus na pessoa mais visível. É um processo em comunidade. A comunidade fornece o ambiente de apoio mútuo, confiança, questionamento recíproco. É o campo onde o religioso pode crescer no seu relacionamento com Cristo e Sua Igreja, e com seus irmãos. Não quero dar a impressão de que não haja instrução, transmissão de informações, expressão e clarificação de valores no processo. Estas exigências existem e constituem parte do papel do formador. Mas o processo é prioritariamente de desenvolvimento pessoal.

**É pessoal.** Em primeiro lugar é desenvolvimento de uma pessoa, não a montagem de um produto. A capacidade de crescer é interna, por isso a própria pessoa é o principal agente do seu crescimento. Só ela pode crescer, interiorizar os valores que motivam sua vida, seus atos e suas palavras. A responsabilidade do formador é colocar este processo em movimento e acompanhá-lo. Não é uma tarefa fácil. “A formação de um sacerdote e de um religioso não pode ser abandonada à improvisação”, disse João Paulo II em seu encontro com os vocacionados e formadores em Porto Alegre. E a ação do formador neste processo de crescimento é fundamental. Por isso o Santo Padre falou: “A vossa **missão** é maravilhosa e difícil.”

**O formador.** Desde que a missão é difícil, devem existir certos critérios que iluminem a escolha de pessoas para a missão de formadores. Não é minha intenção elaborar uma lista ampla de qualidades e capacitações que um formador deve possuir antes de começar a sua missão. Tal tipo de lista facilmente pode tornar-se ridícula por sua falta de realismo e desanimar qualquer um a desempenhar a missão de formador. Quero antes, colocar alguns exemplos de atitudes básicas e essenciais. Essas atitudes devem levar a um contínuo crescimento do próprio formador. Assim, entre outras possíveis qualidades, os que escolhem e nomeiam pessoas para o trabalho de formação devem verificar os seguintes aspectos:

1. **Aceitação de si mesmo.** Como pessoas, aceitam seus talentos e habilidades, tanto como suas fraquezas e limitações? Aceitam tudo isso não como uma fuga que diz “Eu sou assim mesmo”, desculpando-se, mas com auto-estima e como ponto de partida para seu próprio crescimento contínuo? Esta aceitação de si mesmo ou auto-estima, é a medida que o Senhor coloca para o amor do próximo: — “como a ti mesmo” (Lc 10,27).

A pessoa que se aceita a si mesma é capaz de crescer integralmente. Ela é emocionalmente equilibrada. Não está sempre buscando sinais de aprovação nem está competindo para conquistá-los. Ela pode pensar bem dos outros e expressar estima e apreço. Não precisa diminuir ninguém para promover-se. Não há nela hostilidades latentes. Ela aceita também toda a sua própria história. É firme na sua vocação dentro da Igre-

ja. Este pode ser outro elemento que dá apoio à sua auto-estima como indica Padre James J. Hill, S.J. "Parece natural que um senso de auto-estima altamente desenvolvido, baseado na percepção de si como uma pessoa agraciada por Deus e convidada nominalmente para o seu serviço, seria parte do "cêntuplo" que Jesus prometeu a cada um dos seus amigos e colaboradores". Essa firmeza na vocação quer dizer que o formador não tem sérias crises, dúvidas, lutas contínuas em sua vocação; que em momentos de dificuldades é capaz de aprofundar mais a própria opção fundamental. Esta firmeza tem na sua vida conseqüências sumamente positivas. Torna-o pessoa de fé profunda, viva, alimentada na vida de oração. Uma pessoa que tem sólida experiência de Deus e avança no seu crescimento espiritual. Uma pessoa que tem experiência de suas limitações e caminha no crescimento humano integral. Em fim, uma pessoa que reconhece estar continuamente em processo de formação.

**2. Aceitação dos outros.** O formador também deve ser uma pessoa capaz de aceitar os talentos e limitações dos outros: dos outros membros da equipe que integrará, dos outros membros da comunidade em formação, e de todos os outros. Padre Gill S.J., cita o psicólogo Carl Rogers para descrever esta aceitação dos outros que constitui o cerne da estima. É uma consideração para com a pessoa, um apreço do seu auto-valor incondicional — quaisquer que sejam sua condição, seus comportamentos ou seus sentimentos. — Isso significa um respeito e estima a ela, como pessoa individual.

Mas bem antes que Carl Rogers aparecesse, Jesus disse: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei." Isto, sim, é aceitação do outro. **Aceitar os outros como eles são** não é fácil, quando não temos o costume de fazê-lo. Agimos por nossos gostos, critérios, emoções. Na verdade, há grande diferença entre aprovar e aceitar. — Precisamos aceitar as coisas que outros dizem, pensam e fazem, ainda que não aprovemos, não gostamos. Os únicos comportamentos, atos e palavras dos outros que não precisamos, e, muitas vezes não devemos aceitar, são aqueles que causam um verdadeiro problema para nós. Estas coisas se reduzem àquelas que colocam um obstáculo a uma necessidade ou a um objetivo importante e real para nós. Naturalmente não aceitaremos ninguém, se nossa necessidade ou nosso objetivo for que todos os outros falem, pensem e ajam como nós queremos.

**3. Capacidade de partilhar.** Tanto o trabalho com os outros formadores da Província, como a sua responsabilidade para com os formandos exigem partilha. Não é partilha somente do tempo, para reuniões, para serviços no seu próprio setor de formação, do uso dos bens materiais em comum. É partilha de si mesmo — sua pessoa, suas idéias, seus valores, gostos e desgostos, experiências, talentos, habilidades. Esta partilha implica receptividade, ou seja, a vontade de acolher a partilha dos outros.

**4. Vontade de aceitar o trabalho da formação como Missão** e como serviço aos irmãos. Qualquer serviço na Vida Religiosa não deve ser aceito de má vontade. Simplesmen-

te, isto não teria sentido. Obediência sem amor não é obediência evangélica. Mas na questão da formação, este tipo de aceitação forçada seria desastroso. Se a formação for aceita como interrupção provisória de uma "missão verdadeira", ou como algo que se pode fazer por acaso e não como Missão e serviço aos irmãos, a pessoa simplesmente nunca será um formador. Esta vontade de aceitar o trabalho da formação como Missão e serviço terá suas consequências. A disponibilidade de tempo, mente e coração para participar em exercícios de treinamento, a fim de aprender ou progredir nos primeiros três itens citados acima e em outras coisas necessárias para formar e trabalhar em equipe, que trataremos mais adiante. A disponibilidade de estar presente aos exercícios permanentes necessários na comunidade de formação, para ter oportunidades de viver uma vida comunitária integrada, de aceitação, de partilha, de oração. A abertura, o esforço e a vontade de aprender na sua Missão de formador como um profissional. Com isso aprenderá continuamente o que é necessário sobre pessoas, teologia, espiritualidade, comunidade, etc. Não é que se torne um perito em tudo, mas vai se fazendo uma pessoa capacitada para a sua missão. Assim, a respeito do que não sabe, conhecerá onde e a quem pedir ajuda.

**5. Experiência pastoral.** Ninguém deve entrar no serviço de formação antes de ter tido uma experiência razoável de Pastoral com o povo. Mesmo como formador deve continuar um trabalho de pastoral entre o povo, ainda que conservando a formação dos candidatos como sua

missão principal. A razão aqui deve ser evidente. O Vaticano II, no decreto sobre a formação sacerdotal, indica que "todos os aspectos da formação — o espiritual e o disciplinar — devem ordenar-se a este fim pastoral. "É importante ver este trabalho com o povo não simplesmente como um meio de treinar os formandos na pastoral. Este trabalho é necessário para que o formador esteja sempre em contato com a realidade, amplie sua visão do mundo, e da missão da Igreja neste mundo".

Em relação a esse trabalho e experiência de Pastoral com o povo, e também em relação com toda a questão da aculturação, quero aqui mencionar algo que acho muito importante: — Um estrangeiro recém chegado nunca deve ser chamado a desempenhar o papel de Diretor, Mestre de formação, sem primeiramente passar um tempo suficiente na pastoral com o povo. Uma pessoa de fora, seja qual for sua preparação e experiência, tem que aculturar-se bastante para poder compreender a mentalidade, os costumes, os anseios, as visões do jovem que ela pretende ajudar a crescer.

**6. Qualidades de líder.** a) **Objetividade**, que é a capacidade de ver a realidade como de fato é. Ser capaz de perceber as coisas e atuar, na medida do possível, sem envolvimento emocional. b) **Combatividade**, que é a atitude mental de lutar com persistência para atingir um objetivo. Esta combatividade é o resultado da canalização da agressividade natural com a objetividade e a persistência. Esta qualidade faz com que a pessoa não de-

sista de seu objetivo diante de qualquer resistência ou bloqueio. Ela trabalha, estuda, pensa a fim de encontrar os meios adequados, ou mesmo, para esperar, quando for necessário. Esta qualidade me lembra as palavras de Dom Ivo Lorscheiter à XII Assembléia da Conferência dos Religiosos do Brasil em julho de 1980: "O Carisma dos Religiosos é o da transformação agressiva." c) **Empatia**, que é a capacidade de abstrair-se de sua identidade e colocar-se momentaneamente no lugar do outro, isto é, "sentir no outro, para assim sentir a realidade interior da outra pessoa". d) **Iniciativa**, que é a aceitação da responsabilidade de agir, de ousar, de usar sua criatividade.

**7. Características de líder cristão.** Acho que posso terminar estas pistas para quem deve ser formador com as seis virtudes que São Boaventura propôs aos líderes cristãos. Pois, o formador deve ser um líder, uma vez que o seu trabalho consiste em acompanhar o desenvolvimento pessoal de futuros líderes. Estas virtudes são colocadas aqui como pistas, elementos que devem estar presentes, ao menos em vias de crescimento, num formador: a) **Zelo pela retidão e justiça.** Deve perturbar seu coração qualquer coisa que acha injusta nele mesmo ou nos outros. "Amaste a justiça, e aborreceste a iniquidade: por isso te ungiu Deus, o teu Deus" (Salmo 49,7). b) **Amor fraterno.** Este amor vê em cada formando um irmão mais jovem. Amor fraterno que só quer o crescimento de tudo aquilo que o Senhor quer do outro: "Abençoados sejais pelo Senhor, porque vos condoestes da minha sorte" (1 Reis, 23,21). "Quem

ama o seu irmão, permanece na luz e nele não há escândalo" (1 Jo 1,10). c) **Paciência.** Esta virtude é necessária por causa das muitas responsabilidades, atividades que consomem o tempo, tarefas que cansam. Paciência também, porque os resultados do seu trabalho não são imediatos. E, talvez nunca seja reconhecida a ajuda que é dada pelo formador inclusive àqueles que não perseveraram. E paciência, por causa da ingratidão, da incompreensão e do aparente desinteresse que, às vezes, podem surgir da parte de muitos da província: "O reino de Deus é como um homem que lança a semente à terra, e que dorme e se levanta, e a semente brota e cresce sem ele saber como" (Mc 4,26-27). d) **Bom exemplo.** Nada fala mais forte do que atos e gestos. O formador é o modelo da Vida Religiosa, apostólica, eclesial, mais perto do formando: "Jesus começou a fazer e a ensinar" (Atos 1,1). "Eu dei-vos o exemplo, para que, como eu vos fiz, assim façais vós também" (Jo 13,15). e) **Juízo crítico e discernidor.** Deve adquirir a capacidade de discernir e poder ajudar os formandos a discernir a Vontade de Deus. Este bom juízo baseado em discernimento, quando necessário, ajudará a saber quando e como enfrentar, construir sobre conflitos, questionar. f) **Amor a Deus.** Este é o motivo e o fundamento de todas essas outras virtudes, de todos os outros critérios e qualidades sugeridos aqui. O amor a Deus é que dá sentido à formação porque é o que dá sentido à Vida Religiosa. Este Amor a Deus é demonstrado pela vivência de tudo o mais, mas é expresso, aprofundado, adquirido pela oração pessoal, ora-

ção comunitária e a contemplação-na-vida, que parte de e conduz a uma consciência constante da Presença de Deus na História, nos eventos e nas pessoas: "Se o Senhor não edificar a casa, é em vão que trabalham os que a edificam" (Salmo 126,1).

**A Equipe de formação.** Não é suficiente que o formador tenha certas qualidades e habilidades. Ninguém tem tantas qualidades e habilidades que possa enfrentar sozinho toda a complexidade que o processo de formação apresenta hoje. Além das ambigüidades que são inerentes ao processo total de desenvolvimento pessoal, com diferentes ritmos de crescimento e diferentes capacidades para interiorização, há outras exigências importantes.

Os problemas surgem para ser enfrentados, decisões de todo tipo devem ser tomadas, crises superadas, conflitos resolvidos, progressos avaliados, estudos, experiências, apostolados acompanhados. Tudo isso faz parte do processo. Parece evidente que mais do que a energia de um indivíduo ou vários indivíduos, trabalhando cada um da sua maneira, este processo precisa da sinergia de um grupo. Esta palavra "sinergia" significa "cooperação". O princípio é que o esforço coordenado de várias pessoas numa função rende mais do que os resultados que podem ser obtidos pelo indivíduo mais capaz, isoladamente. Sinergia permite que as qualidades e habilidades de cada um se tornem recursos para os outros e para o grupo como um todo. O trabalho em conjunto é mais do que a soma das contribuições de cada um.

Precisamos lembrar, também, que o próprio processo de formação deve ser integral e integrador. Há um só objetivo geral da formação — aquele que é determinado como o resultado a ser alcançado até o fim do período da formação inicial. Para ser integral, o processo e seus elementos, seus conteúdos, métodos, objetivos intermediários, suas etapas diversas e ambientes diferentes precisam caminhar na direção deste mesmo único objetivo geral. Assim, o processo não pode ser departamentalizado em unidades totalmente independentes e desligadas. Cada etapa: promoção vocacional, aspirantado, postulado ou pré-noviciado, juniorado ou teologado, etc., é um passo que segue o precedente e prepara para o seguinte. Dentro de cada etapa de formação e entre uma etapa e todas as outras tem que haver uma crescente ligação e coordenação. Não somente é necessário ter uma unidade global e coordenação dos objetivos gerais da formação, mas também há necessidade de união e apoio mútuo dentro de cada etapa.

Além disso, a pessoa, que neste processo está integrando as dimensões diferentes de sua vida, para ser ele mesmo uma unidade, necessita de continuidade crescente. Não pode crescer se é uma peça de um jogo, no qual as regras são modificadas a livre arbítrio de um juiz que decide por si mesmo. Por isso há necessidade de verdadeira interdependência. A unidade do objetivo final dos objetivos intermediários, métodos, etc., a complexidade da tarefa e a especialização exigida requerem um grupo em que uns interdependam dos outros, de seus recursos, de seus esforços e criatividade. É questão mais

de combinar as habilidades do que de coordená-las. Cada um ajuda o outro em seu trabalho, mas também cada um vai melhorando e aprendendo dos outros novas habilidades. Finalmente, o trabalho da formação exige muito do indivíduo. Suas capacidades emocionais, sociais, humanas são diretamente envolvidas no seu trabalho. Apreciação, apoio, compreensão nem sempre vêm de outros membros da Província e, segundo a etapa, dos formandos. E o formador necessita de apoio neste trabalho que está tão intimamente ligado à sua vida total. Por isso, um grupo caminhando para o mesmo objetivo, experimentando as mesmas dificuldades, êxitos e fracassos, enfrentando os mesmos tipos de problemas, serve como ponto de apoio.

Devido a esta necessidade de sinergia, interdependência e apoio, o processo e cada etapa de formação, se deve ser integral e integrador, não pode ser levado a cabo por um grupo de indivíduos funcionando como indivíduos. Exige uma equipe de formação. Há Províncias que ignoram esta realidade e simplesmente nomeiam pessoas para as casas de formação sem critérios estabelecidos e tratam de cada etapa de formação como uma unidade completa, sem conexão com as outras. Há, felizmente, muitas Províncias que já são conscientes desta necessidade de equipe. Algumas contam com verdadeiras equipes que funcionam bem. Muitas outras têm equipes de formação, mas pode-se perguntar se, de fato, elas realmente são equipes.

### **O que é uma Equipe?**

Não basta colocar, indiscriminadamente, um grupo de pessoas no

mesmo trabalho, nem numa mesma comunidade e chamá-las de equipe. Nem o fato de estas pessoas, que trabalham na formação na mesma Província ou na mesma casa, se reunirem de vez em quando para discutir seu trabalho, decidir certas coisas ou simplesmente verificar como vão as coisas, faz com que elas sejam equipe. Isto pode ser uma sessão de "agendas escondidas", e mesmo de luta livre, que permite a cada uma voltar à sua própria casa, à sua etapa de formação, para seguir seu próprio rumo. Se assim acontece, o diretor de vocações pode convidar pessoas para entrar numa ou outra etapa, sem ter absolutamente a devida preparação. Ele, também, pode acabar apresentando candidatos que simplesmente não serão aceitos pelos formadores das outras etapas. Se os formadores não trabalham como equipe pode-se criar uma descontinuidade total e um isolamento entre as etapas e entre as casas de formação. Pode, também, acontecer que um candidato aprovado em uma etapa não seja aceito na outra. Isso, sem falar de possíveis contradições apresentadas de uma casa para outra e o não apoio de decisões tomadas por um formador. Quando estas coisas ocorrem, há mal-estar na Província, entre os formadores e entre os formandos. As reuniões dos formadores, em situações semelhantes, se ainda existirem, vêm a ser uma formalidade inútil, desagradável para não dizer anti-evangélica e escandalosa.

Nem todos os grupos que se reúnem para fazer um trabalho são equipes. H. B. Karp define uma equipe como "um grupo de indivíduos que precisam trabalhar interdepen-

dentamente para alcançar seus objetivos individuais e organizacionais.” Anthony Reilly e John E. Jones limitam uma equipe a um grupo que é relativamente permanente para fazer um trabalho. Este grupo é constituído de pessoas iguais entre si, e de um supervisor imediato. Mas ainda existem outros elementos que caracterizam uma equipe e a distinguem de qualquer outro tipo de grupo de trabalho. Uma equipe tem um mandato para trabalhar conjuntamente. Os membros são interdependentes. Precisam uns dos outros, das experiências habilidades, talentos e compromissos de cada um, para alcançar seus objetivos comuns. Para ser equipe, cada membro precisa estar convencido de que trabalhar junto com um grupo, conduz a decisões mais efetivas do que trabalhar isoladamente. A equipe é responsável e precisa prestar contas de seu trabalho, como uma unidade funcional, dentro de um contexto organizacional maior.

### **Tipos de equipe de Formação**

Há dois níveis de equipes de formação. Há a equipe de formação da Província que, em algumas congregações, é chamada de comissão de formação. A composição desta equipe provincial depende do tamanho da província e do número de formadores. Esta é a equipe central que coordena todo o processo da formação em todas as suas etapas na Província. Onde o número de formandos é pequeno e não há muitas pessoas designadas para o trabalho de formação, a equipe provincial deve ser integrada por todos os formadores. Se estes formadores não estão diretamente envolvidos na pastoral

com o povo, a equipe deve contar com uma pessoa que esteja assim envolvida. Se nenhum dos formadores na equipe for membro do conselho provincial, o próprio provincial ou um dos conselheiros deve passar a ser membro da equipe para manter a ligação desta com a administração. Quando uma província grande tem muitos candidatos e, conseqüentemente, muitos formadores, a equipe central será composta de representantes das equipes das diversas etapas de formação.

Onde o número de formadores é mínimo e há poucas pessoas na província, às vezes, há uma tendência a deixar um formador só com os formandos de uma etapa de formação. Tal situação impede a composição de uma equipe. Também não permite aos formandos a oportunidade de experimentar a vivência com uma comunidade de pessoas com experiência da Congregação. Outros religiosos devem viver nestas comunidades de formação, integrando uma equipe com aquele que é encarregado da formação, ajudando-o em algumas coisas diretamente com os formandos, enquanto desempenham outra missão.

### **Desenvolvimento de uma equipe**

Assim como o próprio processo de formação, também uma equipe de formação “não pode ser abandonada à improvisação”. Uma equipe precisa se desenvolver; o grupo precisa crescer até chegar a ser uma equipe. Certamente não é uma questão de partir da estaca “zero”. Antes de formar uma equipe de futebol, os jogadores já conhecem o jogo e as regras, e têm certas habilidades

para jogar. Entrar numa equipe não é aprender o jogo, mas é, com muito sacrifício, treinamento e motivação, conseguir que os jogadores trabalhem para aprender a jogar juntos, como uma unidade, combinando seus talentos com os dos outros.

Assim é também com uma equipe de formação: há muito talento já existente, cada um tem suas idéias sobre o que quer fazer. A capacidade e a potencialidade da equipe está limitada somente pelas limitações que cada membro põe às suas próprias potencialidades.

Contudo, sempre que um grupo de pessoas se reúne para alcançar um objetivo podem surgir obstáculos que bloqueiam seu trabalho e seu relacionamento como equipe verdadeira e efetiva.

### **Bloqueios ao desenvolvimento da equipe**

Uma equipe nova pode iniciar seu funcionamento erradamente ou sem a devida preparação. Uma equipe já formada pode entrar em crise e chegar ao ponto de não funcionar por causa de rupturas totais. Em ambos os casos, para prevenir ou para recuperar situações criadas por bloqueios a uma equipe, é necessário identificar e determinar a natureza desses bloqueios que impedem o grupo de funcionar como uma equipe motivada em sua missão. Estes bloqueios nascem de várias fontes. Se um bloqueio existe por parte de um só membro do grupo pode ter efeito no grupo todo. Há cinco grandes categorias de bloqueios para o desenvolvimento de uma equipe: falta de motivação,

atitudes, falta de conhecimentos, falta de habilidades, e bloqueios externos à própria equipe.

A falta de motivação, ou o próprio não-querer dedicar-se à tarefa, pode surgir da não-aceitação de si mesmo, da não-aceitação da própria missão de formador, ou de um desânimo causado por outros problemas. A motivação vem do querer ser e querer fazer. Motivação é um conceito complexo que certamente não nasce da simples nomeação para uma equipe de formação. Normalmente é produto de necessidades inatas ou aprendidas ou a combinação destas necessidades e forças externas. Há muitas razões de motivação para o formador em sua missão: a própria multiplicação de pessoas dedicadas totalmente ao Reino, a continuidade do Carisma recebido, os objetivos da Província, as razões dadas acima para o trabalho em equipe. Mas no final das contas, somente a pessoa mesma pode resolver este bloqueio por meio de um firme querer.

Há tantas definições da atitude, quantos são os psicólogos sociais que tratam do assunto. Unindo a definição de Allport com a de Krech e Crutchfield, podemos definir uma atitude como "uma organização relativamente duradoura de processos motivacionais, emocionais, perceptíveis e cognitivos", "organizada pela experiência, exercendo uma influência diretiva e dinâmica sobre as respostas do indivíduo" "a algum aspecto do seu mundo". Quando uma atitude constitui um bloqueio na equipe, é superada pela conversão ou mudança de atitude. Esta mudança exige uma ati-

tude básica de abertura, novas experiências.

A mudança inicia com uma nova informação a respeito do conteúdo do objeto. Quando mudamos a atitude a respeito de uma coisa, a atitude a respeito de outras coisas ligadas com essa também muda. Assim, se uma atitude a respeito de um objetivo muda, atitudes a respeito dos meios ligados com este objetivo também mudam. A mudança de atitude em certas pessoas pode provocar a mudança de atitude em outras. Aqui também qualquer mudança de atitude tem que ser pessoal e interiorizada. Para o trabalho da equipe de formação, muitos tipos de conhecimentos são necessários. A falta de um conhecimento necessário é um bloqueio para chegar a uma decisão correta, para solucionar problemas, aprofundar relacionamentos. Este bloqueio é superado pela aquisição da informação necessária. Às vezes, temos suficiente informação e conhecimentos, mas algo falha quando tentamos colocá-los em prática. Falta de habilidade também bloqueia o processo. Essa é conquistada por treinamento.

Bloqueios externos surgem de pessoas, situações ou realidades fora da equipe. Orientações, leis ou incompreensão da parte de autoridades congregacionais, eclesiásticas ou civis, às vezes causam bloqueios. Situações financeiras, educacionais, pastorais podem ser outras causas de bloqueio. Alguns destes bloqueios externos são causados por uma ou outra das primeiras quatro categorias precedentes. O problema tem que ser estudado para ser resol-

vido. Às vezes é preciso aprender a conviver com ele. As maiores crises surgem por causa de rupturas na comunicação e lacunas no sistema de valores ou na compreensão mútua dos valores básicos. A comunicação pode ser afetada por qualquer dos cinco bloqueios já mencionados. Concretamente, muitas coisas podem causar dificuldades na comunicação. A própria não aceitação de si mesmo e dos outros, a falta de clareza nos objetivos, a falta de métodos adequados para identificar e solucionar problemas, a falta de uma política de decisões impedem o encontro das mentes. Também existem às vezes, resistências à mudança, tendência a ouvir sem escutar, respostas pré-determinadas, preconceitos, conflitos de personalidade não superados, que interrompem a comunicação.

Ou há convicção da necessidade de se comunicar ou não há. Se não existe o desejo de se comunicar nem a convicção de que é necessário para o trabalho da equipe, não há possibilidade de formar uma equipe. Se há esta convicção e desejo, mas existem problemas de comunicação, parece que se evidencia a necessidade de treinamento nesta arte da comunicação. Lacunas no sistema de valores e falta de mútua compreensão dos valores básicos do grupo, criam grandes problemas para o trabalho em equipe e para o próprio processo de formação na Província. Valores básicos sobre a vida religiosa, elementos essenciais para a formação, devem ser dialogados e discernidos. Não é questão de todos os membros terem as mesmas idéias, ou pensarem igual sobre cada coisa. Porém, se há divergên-

cias fundamentais sobre valores básicos, não seria possível formar unidade no processo.

### **Primeiros passos de uma equipe**

O fato é que quanto melhor a equipe for preparada para funcionar como equipe motivada, e quanto mais crescer como equipe, mais capaz será para confrontar e superar os obstáculos no caminho. Por isso, a preparação dos indivíduos escolhidos para a missão da formação, e a preparação de todos os membros para integrar e trabalhar em equipe é da máxima importância. Os passos iniciais da preparação como equipe são indispensáveis. A efetividade, a eficácia da equipe dependem desses primeiros passos. Antes de concentrar-se no objetivo da formação e no seu trabalho como formadores, os membros do grupo devem concentrar-se sobre o grupo mesmo e o trabalho de formar-se para ser equipe.

John Mc Kinley em *Group Development Through Participation Training* (Desenvolvimento de Grupo por Treinamento Participativo) indica sete condições normativas para o funcionamento de uma equipe. Estas normas são simplesmente níveis de comportamentos para a interação da equipe. Ele usa as seguintes normas como uma base para desenvolver uma equipe: planejamento compartilhado, decisões compartilhadas por consenso, liderança compartilhada, avaliação compartilhada, comunicação, confiança mútua, participação comprometida. Os três passos iniciais da formação do grupo têm estas normas como visão motivadora.

As três primeiras coisas de que uma equipe precisa tratar são: liderança, dinâmica de grupo e conhecimento mútuo. Certamente numa equipe motivada, haverá liderança compartilhada. Isso se refere a comportamentos de liderança, ou seja, quaisquer comportamentos que ajudem o grupo a progredir em direção ao seu objetivo. Liderança compartilhada implica corresponsabilidade de todos os membros no desempenho das funções de liderança. Essas funções são as funções de tarefa e as funções de manutenção que todo treinamento de dinâmica de grupo trata. Entretanto, toda equipe precisa de um líder, um responsável, seja qual for seu título, que normalmente será coordenador. Este líder será capaz de tomar a iniciativa de convocar as reuniões, fazer a ligação com a Província, representar o grupo perante outros grupos, unir os esforços de todos os membros.

A segunda coisa necessária nestes primeiros passos é um treinamento em dinâmica de grupo: como o grupo funciona; os diversos papéis de liderança no grupo; habilidades de participação no grupo. Outras habilidades necessárias para seu trabalho: formulação de objetivos, planejamento, solução de problemas, decisões por consenso, aprendizagem por discussão. Este treinamento de dinâmica de grupo iniciará a aquisição de outras condições normativas, como planejamento compartilhado, decisões compartilhadas por consenso, avaliação compartilhada e comunicação. Penso ser importante que a equipe, como um grupo, faça este treinamento, ainda que um ou mais membros já

tenham feito este tipo de treinamento. Às vezes, aprendemos coisas interessantes em cursos que não aplicamos em casa.

Em terceiro lugar, há uma necessidade de confiança mútua e participação comprometida. Esses elementos podem ser iniciados através de um melhor conhecimento mútuo entre os membros da equipe, tanto no nível humano como no espiritual. Devem passar um tempo juntos, afastados do seu trabalho, para partilhar suas vidas em oração, alegria e sociabilidade. Há cinco perguntas que cada equipe deve fazer a si mesma para poder viver e trabalhar como equipe: Quem somos nós? Onde estamos? (a realidade). O que devemos fazer? (objetivos). O que podemos fazer? (viabilidade).

Neste terceiro passo procura-se tratar da primeira pergunta: Quem somos nós? Quem somos nós como membros desta Congregação? O que temos em comum? O que é nosso Carisma? Quando e por que eu me senti mais autenticamente um membro desta Congregação? Quem somos nós como indivíduos? Qual é minha experiência de Deus, a história da minha vocação, meus maiores êxitos e fracassos, meus medos e esperanças, minhas limitações, meus talentos e minhas maiores capacitações? O que espero desta equipe? Com que espero contribuir para a equipe e a Província através do meu trabalho na formação? Qual foi minha reação ao ser chamado para ser formador? De que gostei e de que não gostei na minha própria formação inicial? Quais são minhas idéias gerais ou mais importantes a

respeito da formação? Quais são os valores que motivam minha vida nesta época?

Em uma segunda etapa deste terceiro passo, os formadores devem compartilhar a respeito da segunda pergunta. Onde estamos? Qual é a realidade do nosso Povo, de nossa Província, das Igrejas onde a Província trabalha, dos nossos atuais formandos? Por que estamos aqui como formadores? O que devemos fazer? Quem entre nós pode fazer isso ou aquilo? Considerando todas as nossas habilidades em conjunto, o que nos falta e é necessário para nosso processo de formação? Que precisamos estudar? Que precisamos aprender a fazer?

Este desenvolvimento da equipe nunca pára, a preparação para ser equipe continua sempre. A própria vivência como equipe, o próprio trabalho de equipe desenvolve as pessoas. Com a partilha de tudo isso, um melhor conhecimento recíproco e a confiança mútua iniciada, a equipe estará suficientemente preparada, pelo menos, para iniciar seu trabalho.

**O trabalho da equipe.** O trabalho da equipe de formação funciona em três níveis. Primeiramente é trabalho orientado a tomar decisões. Todos os tipos de decisão a respeito da formação: a filosofia da formação, os objetivos gerais e específicos do processo todo e de cada etapa, decisões sobre métodos, experiências, o progresso ou não, dos formandos, decisões para a solução de uma variedade de problemas que podem surgir. Isso quer dizer que haverá reuniões em que os resultados serão uma ou mais decisões ba-

seadas no consenso do grupo: projetos, declarações, programas planejados, problemas solucionados aprovados pela decisão do grupo.

Em segundo lugar, é trabalho orientado à investigação de conhecimentos; de um lado visando a futuras decisões, e de outro, uma busca conjunta de assuntos a aprofundar e, assim, satisfazer as necessidades cognitivas dos membros, como pessoas e como formadores. Desse modo, haverá reuniões, em que a preocupação será investigar, analisar os conhecimentos, as idéias, as opiniões e conceitos sobre um assunto, sem a necessidade de se chegar a um consenso, de concordar, aceitar ou rejeitar, sem a necessidade de se tomar uma decisão. Este trabalho de investigação é dirigido à compreensão, apreciação e conhecimento. As idéias são testadas, provadas e julgadas mas não exigem uma síntese harmoniosa.

O terceiro nível do trabalho do grupo é o crescimento integral pessoal de cada membro da equipe. A própria interação do trabalho de decisão e de investigação, a vivência, a maneira em que são expressas e consideradas as idéias, as emoções, os valores de cada um, o manejo de diferenças, o confronto de conflitos, tudo isso contribui para o crescimento das pessoas e ajuda que cada membro satisfaça as suas necessidades e objetivos pessoais. A partilha dos passos iniciais continua a ser parte da vida do grupo. A oração comunitária da equipe deve ser uma contemplação na vida para o formador. Muitas das decisões nesta missão tão crucial e delicada da formação exigem um dis-

cernimento individual e comunitário da equipe, discernimento cujo "sine-qua-non" é a oração.

### **O primeiro trabalho formador da equipe. Filosofia da formação**

A primeira coisa necessária é a formulação de uma filosofia da formação. Se esta filosofia não existe na Província será o primeiro trabalho da equipe de formação, depois de sua preparação inicial. Se já existe uma filosofia na Província, a equipe de formação deve estudá-la, avaliá-la, renová-la (se for necessário) e interiorizá-la. "A formação... não pode ser abandonada à improvisação".

Uma filosofia da formação é um sistema próprio, na Congregação e na Província, de princípios usados no processo da formação. É uma declaração dos princípios sobre os quais se constroem e se explicitam os pressupostos deste grupo da província e da Congregação, sobre a formação. É fundamento sobre o qual os programas são construídos. É a base para o esclarecimento e o estabelecimento dos objetivos da formação, um quadro de referência do qual brotam os detalhes concretos dos programas que permitem o desenvolvimento do processo. Alguns formadores não consideram tal trabalho, necessário: "todo mundo já sabe", "temos em nossas mentes", "já vi muitas filosofias, objetivos, planejamentos e programas bem bonitos no papel, que nunca saíram dele e não ajudaram as pessoas a crescer. De outro lado, já vi outras comunidades ir para a frente embora houvesse faltado planos".

Se esta última observação for verdadeira, é porque faltou algo importante na filosofia e principalmente nos planos — flexibilidade e avaliação como elementos integrantes dos planos e como exigências do fator humano. Também se comunidades foram para a frente e cresceram apesar de não terem objetivos claros e planos concretos, é de duvidar que o tenham feito sem grandes dificuldades. Também gostaria de saber como podem avaliar seu progresso se não sabem ou não planejam onde querem chegar.

Um grupo de participantes, num Instituto de Formação Religiosa, formularam algumas razões para a importância e a necessidade de uma filosofia de formação. Esta filosofia permite uma articulação nova da tradição congregacional nos termos do aqui e agora. Traz à consciência nossos objetivos, ideais, valores, visão, para que os programas de formação se realizem clara e eficazmente. Comunica tais objetivos, ideais, valores, visão mais explicitamente. Fornece um ponto focal para compreender qualquer experiência particular e atual de formação. Constitui um ponto de referência para avaliações e mudanças. Dá coerência entre as teorias e os programas de atuação. Garante a unidade na coordenação de um processo integral e integrador. Serve como um veículo para desenvolvimento criativo e contínuo, por meio de avaliação sistemática e regular.

Para formular tal filosofia, a equipe deve consultar várias fontes como: a Sagrada Escritura; os documentos da Igreja: Vaticano II, os documentos sobre formação e a Vi-

da Religiosa, os documentos de CLAR e CRB sobre a Vida Religiosa, Medellín, Puebla, os documentos da Conferência Episcopal; a Teologia atual; os documentos da Congregação; Documentos sobre os "Sinais dos tempos" (relatórios sobre a realidade, princípios de psicologia, sociologia, antropologia, educação). Consultarão também suas próprias experiências, a inserção na realidade pastoral com o Povo e na Igreja local. Num processo de estudo, pesquisa, diálogo e oração pessoal e comunitária, em discernimento, devem considerar os seguintes elementos: os pressupostos (teológicos, filosóficos, psicológicos, educacionais, sociológicos, antropológicos) subjacentes à filosofia da formação; a visão da Congregação, partindo do seu Carisma; o local onde a província trabalha, o contexto da Igreja e o mundo na sua realidade sócio-política, econômica, cultural, religiosa.

Este é um trabalho profundo e sério que não se faz em uma reunião. Se a Província não tem uma filosofia de formação, esta, uma vez elaborada, deve ser apresentada a toda a província para sua aceitação. Assim haverá mais compreensão para os programas e as decisões que daí surgirem.

### **O trabalho contínuo da equipe**

Baseando-se nesta filosofia, a equipe pode estabelecer os objetivos gerais e específicos, os programas, as dinâmicas, informações, ambientes e experiências que conduzirão a estes objetivos. Nas reuniões regulares, o trabalho da equipe continuará nos três níveis men-

cionados acima. Sempre haverá decisões a tomar, problemas a solucionar, planejamentos e avaliações a fazer. A aprendizagem de novas habilidades para esses trabalhos continuará a ser renovada e aprofundada. Novos conhecimentos de teologia espiritual, suas habilidades como acompanhantes espirituais dos formandos, mais conhecimentos sobre a pessoa humana, relacionamento de pessoas, sempre serão necessários.

Cada membro da equipe é um recurso humano para a equipe e para a Província. Devem ser usados meios adequados para desenvolver a capacidade de cada um, estudo pessoal e em equipe, cursinhos e cursos mais longos como CETESP, seminários da CLAR para formadores, encontros de formadores e até anos ou semestres sabáticos para estudo e oração, retiros mais prolongados, pois "a formação não pode ser abandonada à improvisação".

Em síntese: — É difícil achar pessoas desejosas de desempenhar esta missão da formação. A formação para a Vida Religiosa tem mudado

muito durante os anos. É um processo integral e integrador de desenvolvimento pessoal que, com suas ambigüidades e perplexidades é melhor feito em equipe. A preparação da equipe é importante para sua própria efetividade. A equipe deve ser motivada por um objetivo compartilhado que leva os membros a trabalharem juntos, acompanhando os formandos no seu crescimento como pessoas chamadas a trabalhar para o Reino. A equipe construirá seu programa integral e integrador, a partir de uma filosofia da formação.

Uma equipe de formação que verdadeiramente o seja, sabe aonde quer ir, é motivada na sua missão, porque cada membro tem um compromisso com os outros e com os objetivos da equipe. Estes objetivos são claros e específicos. Cada um trabalha com toda sua capacidade para alcançá-los da melhor maneira possível, num clima de fraternidade, dedicação, missão que é, ao mesmo tempo, auto-realizadora. Há confiança mútua, comunicação aberta e compreensão. O conflito torna-se uma oportunidade de crescimento.

## BIBLIOGRAFIA

(1) BARROS DE, LÉLIO, **Autodesenvolvimento do Executivo**, Rio de Janeiro. Instituto de Desenvolvimento Econômico e Gerencial, 1979. (2) CENTER OF PLANNED CHANGE, St. Louis, Missouri, **Community Growth Process**, manuscript, 1974. (3) DYER, WILLIAM G., **Team Building: Issues and Alternatives**. Reading, Mass. Addison-Wesley Publishing Co., 1977. (4) FLYNN, ELIZABETH W. AND LA FASO, John F., **Group Dis-**

**ussion Learning Process**, New York, N.Y. Paulist Press, 1972. (5) GILL, JAMES J., SJMD, **Indispensable Self-Esteem**, em *Human Development*, Vol. 1, nº 3, Fall 1980. New York, N.Y. (6) GORDON, THOMAS, DR. L.E.T., **Líderes Eficaz y Técnicamente Preparados**, Mexico, Editorial Diana, 1980. (7) HALL, BRIAN, **Personal Discernment Inventory**, New York, N.Y., Paulist Press, 1980. (8) **Institute of Religious Formation**, Initial Formation 2, St. Louis, Missouri. St. Louis University, 1973. (9) KARP, H.B.,

**Team Building From a Gestalt Perspective**, em J.W. Pfeiffer and J.E. Jones (Eds.). The 1980 Handbook for Group Facilitators. San Diego, Calif. University Associates, Inc., 1980. (10) KNOWLES, MALCOLM AND HULDA, **Introduction to Group Dynamics**, Chicago. Follett Publishing Co., 1972. (11) LIBÂNIO, J.B., **As Grandes Rupturas Sócio-Culturais e Eclesiais**, Petrópolis, Ed. Vozes e CRB, 1980. (12) MCKINLEY, JOHN, **Group Development Through Participation Training**, New York, N.Y. Paulist Press, 1980. (13) Oblatos de Maria Imaculada, Cons-

tituições e Regras, 1980. (14) Oblates of Mary Immaculate, **Value Study of Proposed Text of OMI Constitutions and Rules**, Lafayette, Calif., 1980. (15) Papa João Paulo II, **Pronunciamentos do Papa no Brasil**, Petrópolis, Ed. Vozes, 1980. (16) REILLY, ANTHONY J. AND JOWES, JOHN E., **Team Building** in Pfeiffer and Jones (Eds.). The 1974 Annual Handbook for Group Facilitators, San Diego, Calif., University Associates, Inc., 1974. (17) Saint Bonaventure, **The Christian Leader**, Labury Press, Ramsey, N.J.

---

## **Igreja — Política Social — Pastoral**

A intervenção da Igreja em assuntos político-sociais não a leva a subestimar o poder do Estado como promotor do bem comum. De um bem comum em cooperação e **mediação do próprio povo** na edificação do Reino de Deus e na evangelização do povo a partir do próprio povo. A Igreja dos pobres não busca, em primeiro lugar, seu prestígio e sua segurança. Busca primeiro a emergência do Reino de Deus na história do povo. O Concílio diz apropriadamente que a **Igreja é o Povo de Deus**. Inserida no povo, ela sinaliza as primícias do Reino, manifesta a libertação primitiva pelo Senhor e sua presença no curso da História.

### **A Igreja pode rejeitar alguma forma de organização social?**

SIM. Pode e deve. Ela se considera credenciada em força mesmo de sua missão de ajudar os homens a escolher Deus que se revela ao homem todo e aos homens como um todo, ela se considera credenciada, repito, para rejeitar e denunciar toda forma de organização social que impede às pessoas ou nelas dificulta o acesso ao mínimo de dignidade de vida que garanta ao homem ser homem e dê sentido ao anúncio de um Deus que é Amor e que é Pai.

### **A Igreja pode preferir o socialismo?**

As concretizações históricas de todas as formas de socialismo que conhecemos são de uma precariedade nua e crua. As liberdades individuais, grupais e nacionais pagam um tributo fortemente elevado. A Igreja no Brasil busca algo de diferente e original, capaz de articular um novo projeto de nação que venha edificar uma sociedade mais justa.

# DISCERNIMENTO VOCACIONAL - II

**Equipe de Orientação Psicológica**  
*Conferência dos Religiosos e Religiosas do Chile*

*(Traduziu do original espanhol a  
Irmã Isabel Fontes Ferreira)*

## APTIDÕES E ASPECTOS INTELECTUAIS

### 4.1. Aptidões

O conceito de aptidão no processo de discernimento vocacional deve ser considerado em um sentido dinâmico, assim como "a aptidão do sujeito para ser apto", mais que atitudes específicas que nem sempre

podem ser exigidas previamente ao ingresso. No fundo, supõe-se que o sujeito tem um bom potencial de crescimento. Deverá ser avaliada a capacidade que a pessoa tem para adquirir determinadas atitudes durante seu processo de formação, sua capacidade de "educabilidade" e "docilidade crítica". Em definitivo, sua capacidade de integrar em um processo de aprendizagem, seu crescimento e desenvolvimento pessoal.

---

A Conferência dos Religiosos e Religiosas do Chile (CONFERRE) publicou, em 1979, o trabalho: **El Discernimiento Vocacional. Criterios de Elección y Selección**. É um texto produzido por sua Equipe de Orientação Psicológica. CONVERGÊNCIA apresentou a primeira parte deste trabalho em abril de 1980, páginas 168-183. Esta é a segunda e última. Embora a contribuição das ciências psicológicas para a orientação vocacional não seja o critério último, todavia, sua importância é reconhecida por todos.

Devemos ressaltar que o processo de formação não é **unidirecional**; não basta mais que o candidato se adapte ao estabelecido, porém é necessário estimulá-lo para que participe **de forma criativa** em seu constante processo de amadurecimento e crescimento.

Devemos ter presente que a juventude atual entra na comunidade com uma bagagem muito especial e diferente do tradicional. Por um lado caracteriza-se por sua boa vontade e generosidade, mas, por outro lado, não devemos esquecer que porta **hábitos prévios insuficientes ou inadequados**. Como exemplos de hábitos insuficientes, queremos mencionar a dificuldade para cumprir horários estabelecidos de estudo, passatempos, comidas, etc. Como hábitos inadequados mencionamos a facilidade e rapidez com que procura satisfazer às necessidades suscitadas pelos estímulos externos, sem discernimento prévio.

Também deve-se manter presente que existe a miúdo grande **diferença entre o esquema de valores** da juventude e aqueles que predominam nas comunidades religiosas em geral. No mundo secularizado de hoje, a juventude se sente mais atraída pela busca de Deus no próximo. É mais difícil para os jovens sentir-se motivados para procurá-lo na solidão e intimidade da oração.

Neste plano de aptidões, devemos falar de certas aptidões gerais para a vida religiosa e de outras aptidões mais específicas que surgem do próprio ser da vida consagrada como comunidade de vida, de trabalho e de fé através da consagração nos Votos de Castidade, Pobreza e Obediência. É evidente que nossos enunciados não pretendem ser exaustivos e definitivos; no entanto, pretendem ser uma ajuda para o trabalho de acompanhamento no discernimento vocacional, e para a manipulação de critérios de discernimento, chegado o momento de ter que acei-

tar um candidato à comunidade religiosa ou a uma nova etapa em sua formação.

## **Aptidões gerais**

Entre as aptidões gerais que parecem importantes por sua incidência em uma boa adaptação e amadurecimento do candidato na vida religiosa estão as seguintes:

Capacidade de busca e comunhão com Deus.

Capacidade de estabelecer e manter relações humanas positivas e não conflitivas.

Uma capacidade de relacionar-se sem dificuldades com ambos os sexos, com idades diferentes e com diferentes condições sociais.

Uma mínima capacidade de auto-crítica e autoconhecimento pessoal, e de assumir sua própria história.

Um desejo e busca de verdade diante de si mesmo junto a um anseio real de superação pessoal e comunitária.

Algum nível de tolerância à frustração e de bom manejo da agressividade.

Capacidade de estabelecer compromissos constantes.

Ademais, deve-se considerar as aptidões exigidas por cada Congregação, segundo seu estilo de vida, cultura, atividades e carisma.

## **Aptidões específicas**

Dado que os votos religiosos tocam três dimensões essenciais da vida humana e se encarnam em uma

personalidade concreta, queríamos mencionar algumas aptidões importantes para o desenvolvimento de uma vocação religiosa, recordando que não se trata de exigir de partida todas estas aptidões; mas sim que devemos considerar sua possível aquisição na pessoa que ainda não as encarne em grau aceitável.

#### a) **Voto de castidade**

Capacidade de se deixar seduzir por Deus de tal maneira que vá **necessitando** dedicar-se a Deus e a seu Reino.

Capacidade de se dar: sair de si e integrar-se afetivamente na comunidade.

Integração da sexualidade com ausência de bloqueios diante do outro sexo. Aceitação do próprio sexo.

Capacidade de comunicação e aceitação do outro também como ele é (empatia).

Capacidade de certa solidão unida a um bom sentido do humor.

Capacidade de expressar afeto e de se comprometer emocionalmente.

Capacidade de superar carências afetivas que possam conduzir a uma excessiva dependência e a uma tendência "a se fixar" às fontes de satisfação.

**NOTA:** Diante de pessoas que tiveram relações sexuais prévias, apresenta-se uma inquietação especial. As conseqüências deste fato dependerão da personalidade de cada um, da freqüência e tipo de experiências e das sequelas que pos-

sam ter deixado na vida pessoal do indivíduo.

#### b) **Voto de pobreza**

Generosidade e desprendimento, junto a uma adequada capacidade de receber.

Capacidade de levar uma "vida de trabalho".

Capacidade de ser solidário com outro e de compartilhar: pessoa, tempo, valores, o que se tem, se sabe e se é.

Capacidade de viver de forma simples sem excessiva dependência de fatores externos, usando as coisas com a liberdade dos filhos de Deus.

Sensibilidade social, com opção preferencial pelos pobres.

#### c) **Voto de obediência**

Capacidade de crescer em disponibilidade à vontade de Deus, o que implica submeter-se à vontade alheia.

Capacidade de trabalhar com outros em equipe.

Capacidade de estabelecer boas relações com a autoridade: devemos lembrar aqui o já expresso no sentido de evitar ou cuidar os extremos de uma dependência infantil ou de uma independência rebelde.

Atitude de serviço: uma boa capacidade de integrar os gostos pessoais e as necessidades da comunidade e Igreja.

Capacidade de expor e defender seus próprios pontos de vista com objetividade, o que supõe uma boa

independência afetiva, a qual facilita uma independência de idéias.

Capacidade de assumir compromissos e responsabilidades.

## 4.2. Aspectos individuais

Comprovou-se que não é possível identificar a inteligência geral com a habilidade intelectual.

A inteligência é uma parte de uma dimensão muito mais ampla, ou seja, da **própria personalidade**. Não podemos medi-la diretamente, mas através de suas manifestações. Resulta também difícil definir a inteligência. A maioria dos escritos entendem-na como o potencial inato que há em uma pessoa para realizar julgamentos apropriados aproveitando-se da experiência e para afrontar adequadamente novos problemas e condições de vida.

As pessoas diferem entre si quanto à inteligência, de um ponto de vista **quantitativo**; por exemplo, são qualificadas como muito inteligentes, normais ou torpe. Também distingue-se de um ponto de vista **qualitativo**, podendo uma pessoa entender facilmente as questões mecânicas enquanto que pode ser torpe aprendendo idiomas, ou vice-versa. Portanto, deve-se diferenciar a inteligência "geral" e a inteligência "especial". Inclusive uma pessoa geralmente "tonta" apresenta alguns aspectos limitados nos quais tem especial habilidade. Acontece também de uma pessoa de grandes dotes intelectuais carecer quase completamente do sentido da direção, perdendo-se com grande facilidade (é o caso do "sábio distraído").

Com a finalidade de ajudar a compreender o significado das medições intelectuais, expomos a seguir a escala de Coeficiente Intelectual comumente usado em nossos meios:

### Escala de Coeficiente Intelectual (C. I.)

0-69	Oligofrenia
70-79	Limítrofe
80-89	Normal torpe
90-109	Normal
110-119	Normal superior
120-139	Brilhante
140-...	Gênio

O aspecto intelectual pode ser conhecido por diversos meios de análise e nem sempre requer um estudo acabado. Este dependerá das exigências intelectuais e acadêmicas da congregação e da importância que se dê a este aspecto. Os estudos e trabalhos realizados e os rendimentos obtidos serão um bom antecedente a respeito. Entre os elementos importantes a considerar nesta área, por suas advertências de possíveis contraindicações para o ingresso na vida religiosa, podemos assinalar:

— Um baixo coeficiente intelectual que incapacite o candidato para os requerimentos de formação da Congregação ou que impeçam uma boa integração e colaboração à experiência de comunidade.

— Problemas sérios de atenção.

— Distorsões no julgamento da realidade que implicam graves problemas de interpretação e adaptação a ela. Ex.: A pessoa que geralmente se acha envolvida em situa-

ções de injustiça, perseguição, inveja, de grandes obstáculos, de muito azar. Ou, pelo contrário, refere-se a si mesma e/ou ao mundo que a rodeia (relações com pessoas ou coisas) como a algo paradisíaco, angelical, etc.

— Uma extrema inibição ideossociativa.

— Uma extrema desorganização angustiosa.

— Franco concretismo: o candidato tem pouca capacidade de análise e síntese.

— Incoerência, desagregação ou bloqueios por intercepção de pensamento ou condensações.

— Aceleração ou atraso sério do curso do pensamento, fuga de idéias, verbosidade.

NOTA: Em todos estes casos, deve-se considerar com que frequência e com que intensidade apresentam-se estes fenômenos, assim como também se se pode esperar uma recuperação.

Muitos dos sintomas mencionados correspondem a uma psicopatologia mais geral e devem ser estudados por um especialista (transtornos do pensamento).

## **ASPECTOS MOTIVACIONAIS**

### **5.1. Introdução**

Ao nos referirmos às motivações dentro dos critérios de seleção vocacional para a vida religiosa, não é nossa intenção estabelecer detalhadamente nem um conceito nem uma teoria psicológica da motivação.

Nosso propósito é mais pragmático; queríamos dar alguns elementos de reflexão em torno deste importante tema das motivações à vida religiosa.

A motivação é a causa que fala do comportamento humano em determinada situação, aquilo que explica a razão em virtude da qual se executa um ato; é tudo aquilo que leva o homem a satisfazer uma necessidade básica. O autor Abraham Maslow afirma o seguinte princípio em sua tese sobre a motivação: "o motivo superior não aparece enquanto os motivos inferiores não tiverem sido satisfeitos". Indivíduos famintos, por exemplo, podem colocar por cima dos outros motivos o que constitui seu motivo vital: a fome. Nesta situação de fome de nada valeria o motivo de medo, nem o da própria realização; serão capazes de arriscar até sua própria vida com o alvo unicamente de conseguir alimento.

Assim, uma pessoa se sente motivada em qualquer momento por variedade de fatores, tanto externos quanto internos. A força e qualidade de cada motivo influem na maneira como se percebem o mundo, as coisas e os fatos, repercutindo desta maneira no próprio pensamento e nas ações de uma pessoa.

A maioria das pessoas não percebe diretamente as motivações profundas de sua vida interna e externa, conhecendo apenas as de ordem superficial, concreta e imediata, as quais são encarnação e exteriorização das verdadeiras e profundas motivações.

Por isto, é da máxima importância a distinção entre motivação profunda e superficial; a motivação superficial procura a realização no exterior, a satisfação do momento e, portanto, tem sua origem no grupo social, o qual joga um papel de condicionante para o comportamento do sujeito. Em compensação, a motivação profunda é uma realidade eficiente que procura a realização da pessoa na profundidade de si mesma.

Já dissemos que toda vocação é, ao mesmo tempo, uma força interior que empurra e dinamiza o homem na busca e realização de um plano, de um projeto que dá sentido à sua vida; e também é uma força exterior, um requerimento da Sociedade e Igreja que apresenta a este projeto vital um marco de ação real, formas concretas, maneiras históricas de expressão. Por isto mesmo, a tarefa de determinar com precisão as motivações dos atos humanos é difícil, e muito mais ainda quando deparamos com decisões que implicam tanto um elemento interior ao próprio eu, uma decisão que compromete por toda uma vida, quanto um elemento externo: o "chamado de Deus" na Igreja.

Justamente, pelo comprometedor que é a vocação da vida religiosa, compreender-se-á a necessidade de exigir um fundamento motivacional sério e válido, que implique à **totalidade** da pessoa e que a comprometa não apenas em aspectos secundários ou em uma tarefa específica, mas em uma consagração **permanente**. A vocação religiosa, ao ser uma escolha de características absolutistas na orientação vital do homem, domina todo seu ser muito mais profunda-

mente que qualquer outra escolha. Matignon assinala a diferença dos fatores que dão segurança ao homem da validade de sua escolha vocacional entre uma vocação a um puro trabalho humano e uma resposta à chamada para a vida religiosa:

"Em sua origem, a vida consagrada encerra uma ambigüidade essencial. Seu fundamento reside no chamado de Deus dirigido a um jovem para que escolha seu serviço exclusivo. É um fenômeno de ordem sobrenatural, sem elemento sensível no sentido de perceptível pelos sentidos. Se a chamada ressoa nele, é através de seu psiquismo, colocando em jogo sua inteligência, afetividade e vontade. Pode acontecer tudo no plano imaginativo e místico. Sua realidade não pode demonstrar-se; não há segurança interior perfeita e mesmo os critérios não são objetivos, mas subjetivos. Há, pois, sempre algo desconhecido, uma aposta, e nunca se poderá ter segurança matemática da verdade da escolha... Na vocação, há, além disso, outra incógnita: a do futuro. Aceita-se a inquietação que acompanha a aceitação indispensável de não chegar a termo...; trata-se de um projeto que não se sabe o que chegará a ser; o que o constitui e realiza é a chamada de Deus e a marcha em Sua direção..."

## 5.2. Igreja e discernimento vocacional

Entre as motivações exigidas pela Igreja através da história frente a uma consagração a Deus, seja através do sacerdócio ou à profissão religiosa, encontram-se dois elementos constantes e condicionantes:

a "liberdade de escolha" e a "retidão de uma intenção adequada e sincera".

Domeño observa a respeito o seguinte:

"Um detalhe que quero que se observe é a constância da Igreja em repetir os mesmos princípios durante muitos séculos: as poucas vezes que se refere, mesmo nos documentos mais modernos, ao conceito de motivação e à acusada preocupação pela chamada "seleção de vocações" que se nota, ainda sendo um dado de toda a história eclesiástica, desde primórdios deste século".

O primeiro documento, segundo Domeño, que tem cor motivacional data de 19 de março de 1603, na Const. Apost. "Cum ad Regularem" de Clemente VIII. Este texto assinala:

"Finalmente, investiguem os superiores com que espírito, com que intenção e vontade escolheram este gênero de vida regular; que finalidade se propuseram: se por desejos de maiores progressos e vida mais perfeita de maneira que possam servir mais livremente a Deus, ou se são conduzidos por ligeireza ou por qualquer afeto humano ou ânimo desordenado ou se seus pais, privados de sua ajuda e subsídio, ficam necessitados" (Nº 132).

Depois a Sagrada Congregação para os religiosos promulga, a 2 de fevereiro de 1961, a Instrução "Religiosorum Institutio", com a finalidade de fazer frente às defecções que iam aumentando. Em relação ao problema da ativação para a vida religiosa e de seu discernimento, convém ressaltar no documento:

Por um lado:

Reconhece-se que muitos religiosos entraram e prosseguiram na vida religiosa sem verdadeira motivação.

Anotam-se algumas motivações vocacionais insuficientes ou falsas alegadas pelos religiosos: influência indevida da família, influência indevida de superiores, formadores ou diretores espirituais.

Entrada em minoria de idade.

Indecisão para abandonar por medo de enfrentar a vida sem se sentirem socialmente capacitados.

Por outro lado, exige-se dos candidatos:

Sinais positivos de vocação.

Certeza moral da idoneidade dos candidatos com a exigência de um cuidadoso discernimento vocacional, obrigação que recai também sobre os confessores e diretores espirituais.

Liberdade necessária no candidato. Citamos a seguir um parágrafo que resume e matiza os dois princípios da tradição:

"Deve-se fugir, no recrutamento das vocações, de tudo aquilo que significa diminuir a liberdade dos candidatos ou afetá-los prejudicialmente. Nesta livre determinação, é onde melhor se deixa ver a vocação especial de Deus ou a moção do Espírito Santo, o qual ilumina e move interiormente o homem, no demais bem dotado, a seguir os conselhos evangélicos ou a abraçar o sacerdócio."

Por último, dedica-se algumas linhas ao modo de trabalhar com os

“psicopatas”, para quem se pede a inspeção de um médico psiquiatra competente.

Os Documentos Conciliares ou pós-conciliares sobre formação sacerdotal ou religiosa não enriqueceram notavelmente os princípios da tradição eclesiástica. Apenas de um ponto de vista psico-pedagógico deve-se destacar o Documento “Orientações para a educação no celibato sacerdotal”. No número 64, podemos ler o seguinte:

“Para a maioria dos aspirantes, os motivos da vocação são, a princípio, muito vagos. Querem se colocar a serviço dos homens, da Igreja e de Cristo, mas freqüentemente não têm idéia muito concreta nem da Igreja nem de Cristo. Sua atitude é mais uma disponibilidade de caráter humanitário, com uma polarização pouco específica a Deus, a Cristo e à Igreja. Com efeito, para muitos adolescentes a visão da vida é ainda global. A atitude humanitária e a referência religiosa estão ainda difundidas. Esta é a razão pela qual muitos adolescentes se inclinam inicialmente pelo sacerdócio, mas, quando os interesses humanos se apresentam em sua dimensão específica, se o teor religioso de sua disposição não se enriquece, abandonam a idéia da vocação e deixam o seminário. Deve-se fazer com que eles descubram oportunamente o sentido de uma vida consagrada a Deus e não impor-lhes desde o início um estado de vida já sacerdotal.”

### 5.3. O enfrentamento das motivações no candidato

Queremos neste aspecto destacar três elementos que podem ajudar o

trabalho de discernimento vocacional da perspectiva das motivações:

— **O desenvolvimento da vocação:** um primeiro aspecto importante a investigar é o desenvolvimento que no sujeito teve sua inquietação pelo ingresso na vida religiosa; neste sentido, é importante ir conhecendo:

Os fatos desencadeadores da vocação.

A duração da inquietude.

As variações no desenvolvimento vocacional e os motivos de tais variações.

Os sinais de solidez e estabilidade vocacional.

— **Ideais e aspirações:** outro elemento importante para ir trabalhando e penetrando nas motivações do candidato se referem a seus reais ideais e aspirações, como:

Metas pessoais e seu realismo.

As travas no sujeito para a consecução destas metas.

O conhecimento e consciência de si próprio e de suas aspirações.

As imagens implicadas em seus ideais: imagens de homem ou mulher, imagem de sacerdote, imagem de religioso ou religiosa, imagem da Congregação à qual postula.

— **Os fundamentos das motivações:** já sabemos que um dos elementos chaves que influem na liberdade e amadurecimento do processo de discernimento vocacional são as motivações do sujeito. As motivações psicológicas como forças que impulsionam para uma meta a ser

atingida (seja forças internas ou externas) inscrevem-se na forma de funcionamento geral da pessoa, ou seja, em sua personalidade. Deste ponto de vista pode ser-nos útil o esquema da personalidade utilizado pela análise transacional que distingue nela três estados do eu: o estado de eu criança, o estado de eu adulto e o estado de eu pai. Em cada um deles inscrevem-se aspectos diferentes da personalidade, sendo o estado de eu criança a casa das emoções, da criatividade; o estado de eu adulto a casa da razão e da conveniência, e o estado de eu pai a casa dos valores, normas e dos padrões culturais. Desta perspectiva podemos dizer que as motivações podem basear-se no emocional, no racional e conveniente ou no normativo valorico. Segundo isto, podemos distinguir diferentes tipos de motivações:

a) **Motivações maduras ou válidas:** é talvez a mais difícil de descrever, mas implicam na integração dos diversos componentes da personalidade de um indivíduo e, por isso mesmo, implicam em uma personalidade madura.

Uma motivação verdadeira deverá implicar nos seguintes aspectos:

— Equilíbrio e integração de gostos (interesses), conveniências (aptidões) e valores.

— Autenticidade e veracidade de motivos.

— Transparência e autoconhecimento do indivíduo.

— Ar de liberdade na decisão da pessoa.

b) **Motivações imaturas e inválidas:** são insuficientes ou inadequadas.

— **Motivações infantis ou fantasiosas:** nas quais há predominância do estado de eu criança. Podemos descrevê-las assim:

Primazia do emocional.

É “egocêntrica”: procura proveito, proteção, segurança pessoal, tendendo, portanto, a uma finalidade parcial e imediata (infantil).

Muitas vezes diz NÃO ou evita outras coisas; ou diz SIM a coisas ou aspectos parciais da vida religiosa.

Não se trata necessariamente de motivações más em si, mas no geral são “**motivações insuficientes**”. Corre-se o risco de comprometer o Senhor ao próprio serviço mais do que comprometer a própria pessoa a serviço do Senhor.

Para demonstrar, alguns exemplos:

— Motivações insuficientes por estreiteza de objetivos (coisas parciais): gosto pela solidão, pelos estudos, pelo hábito, etc.

— Motivações insuficientes por escapismo (diz não, evita); problemas de relações familiares, fracassos afetivos, temores de assumir responsabilidades, de enfrentar a vida, o amor, etc.

— **Motivações utilitárias:** nas quais há predomínio do estado de eu adulto. Podemos descrevê-las assim:

Primazia da conveniência (proveito).

Tendem a um fim personalista utilitário; portanto, também é egocêntrica e corre o perigo de deixar de lado o sociocêntrico.

Podem tratar-se de motivações válidas, mas que não concordam com o objetivo real da vida religiosa.

Neste caso falamos de “**motivações inadequadas**”.

Como exemplos, citamos a busca de status, prestígio, a procura de uma profissão como meta pessoal.

— **Motivações imperativas:** nas quais há predomínio do estado de eu pai. Podemos descrevê-las assim:

Primazia do “dever ser”: propor-se algo por imposições (externas ou internas) que se fazem consciente ou inconscientemente normativas.

Muitas vezes tendem a um fim pouco consciente e que é assumido sem agrado, sem capacidade ou sem liberdade interior.

Também este tipo de motivações podem ser chamadas de “**inadequa-**

**das**”: têm sua razão de ser em valores reduzidos e personalistas e não em valores mais gerais e objetivos.

Exemplos:

— Mãe que quer impor a seu filho ser sacerdote e este, por carinho filial, assume a vocação como imposição. Não há verdadeiramente uma livre e madura escolha.

— Um jovem que, sendo seminarista, seu pai falece, o que lhe origina uma crise. Descobre-se que, quando menino, seu pai perdeu a fé e ele se propôs a ser padre para, através deste sacrifício, conseguir a conversão de seu pai. Uma vez falecido o pai, sua vocação carece de sentido.

— Jovem que decide expiar sua culpa na vida religiosa por haver sido induzida, quando menina, a práticas sexuais.

## ASPECTOS DA PERSONALIDADE E PSICOPATOLÓGICOS

### 6.1. Aspectos da personalidade

Existem concepções muito variadas sobre a personalidade e sua evolução. Todas elas, em maior ou menor grau, têm elementos teóricos que pretendem dar uma visão global do homem e do sentido da vida humana.

A maior parte das teorias outorgam uma influência na estruturação e desenvolvimento da personalidade a fatores internos ou hereditários (temperamento), mistos (inteligência, percepção, aprendizagem, motivação) e externos ou ambientais (família, colégio, grupos de amigos,

sociedade). A ponderação concedida à influência que exerce cada um destes fatores é muito diferente e determina em grande medida os diferentes enfoques teóricos.

A orientação psicanalítica, por exemplo, concede aos fatores hereditários instintivos uma influência determinante. Para o condutismo, pelo contrário, é o ambiente que tem um peso decisivo. Ambas as correntes expõem-se ao risco de “reducionismo” ao outorgar uma preponderância tão marcada a um ou outro dos fatores. (Cfr. Puebla, 310)

## A teoria da psicologia humanista

Dentro dessas diversas concepções, parece-nos que a psicologia humanista é a que oferece uma contribuição mais global e mais próxima da concepção cristã do sentido da vida. Representantes contemporâneos desta tendência são os norte-americanos G. W. Allport, A. H. Maslow e C. Rogers; entre os europeus, contamos com V. Frankl, H. Thomas e J. Nuttin.

A psicologia humanista acentua os fatores mistos, colocando ênfase na iniciativa e responsabilidade pessoal: a pessoa normal está condicionada por seu substrato orgânico e pelo ambiente, mas sua "forma — própria — de ser" depende em grande grau de sua vontade. O homem se transforma em construtor responsável de sua própria vida.

Este enfoque concebe a personalidade como uma organização dinâmica dentro do indivíduo, dos diferentes fatores que confluem em sua formação e desenvolvimento, dando prioridade ao rol em que jogam as motivações, crenças, expectativas, interesses, valores... e ao modo de satisfazê-las. Por isso, a psicologia humanista:

Concede uma forte influência à vontade, entendida como capacidade de autogoverno, no desenvolvimento da personalidade.

Avalia o desenvolvimento emotivo do indivíduo em função da liberdade interior, necessária para conhecer e decidir com responsabilidade.

Atribui uma importância considerável aos determinantes consci-

entes da conduta humana, destacando que o conhecimento de si mesmo e da realidade é um fator prioritário na estrutura e desenvolvimento da pessoa.

Concebe a pessoa como um ser que vive o presente mais do que o passado, capaz de superar condicionamentos e aberta à mudança, com seus olhos fitando o futuro. Não desconhece, no entanto, a existência de uma continuidade no desenvolvimento humano.

Vê o processo de adaptação da pessoa não como uma acomodação passiva ao ambiente, que suporia ignorar o papel histórico desempenhado pelo indivíduo na modificação da ordem social ou do ambiente material; tampouco a considera como um estado terminal de paz e felicidade, que implicaria em desconhecer os aspectos dramáticos da existência. A adaptação consiste mais em um processo de luta que a pessoa realiza para chegar a se entender com seu ambiente (tolcrando imposições algumas vezes, colocando exigências em outras oportunidades ou chegando a um arranjo satisfatório na maioria das ocasiões).

NOTA: Parece-nos importante considerar, em relação a este processo de adaptação, que a pessoa que ingressa em uma comunidade religiosa entra em contato com um ambiente novo. Não se produz uma interação indivíduo-comunidade-Congregação religiosa que não deve ser resolvido unidirecionalmente a favor de um dos pólos. Ambos devem escutar-se e enriquecer-se mutuamente, entrando num processo de discernimento que os ajude a ser fiéis no acidental.

## Personalidade e projeto de vida

A vida psíquica tende a formar uma unidade funcional na qual tudo influi em tudo. Mas a personalidade vai-se organizando e integrando progressivamente em torno de um projeto de vida conseqüente às motivações, crenças, valores e expectativas do indivíduo. Quando a pessoa é capaz de assumir experimentalmente este projeto e se comprometer com ele, vai colocando em função do mesmo os elementos mais valiosos de seu ser.

O projeto de vida vai configurando no indivíduo sua própria identidade pessoal. A busca desta identidade, integrada e dirigida pelo projeto de vida, possui conteúdos de valor e de estilo.

Os conteúdos de valor conduzem a pessoa a reconhecer suas aptidões pessoais e ir readequando as mesmas de acordo com este projeto. O mesmo sucede com as expectativas, valores e crenças, motivações.

Se não se sente identificada com o projeto ou percebe dificuldades insolúveis para levá-lo a cabo com êxito e satisfação, a pessoa normal desistirá de sua tentativa, aderindo a outro projeto ou modificando o pré-existente.

Os conteúdos de valor, ademais, ajudam o indivíduo a reconhecer o significado de sua relação com os outros, a esclarecer seu lugar no mundo e o sentido último da vida.

Os conteúdos de estilo referem-se à forma única e pessoal com que cada indivíduo vive os conteúdos de valor: como homem ou como mu-

lher, impulsiva ou reflexivamente, com predomínio da atividade ou do pensamento ou do sentimento...

O projeto geral de vida, embora seja próprio e único para cada pessoa tem, no entanto, uma estrutura distinta segundo os diferentes estados de vida.

Comparando as exigências da vida religiosa com o desenvolvimento de um projeto geral de vida pareceria poder dizer-se, afirma o P. Albino Ronco, que um projeto geral de vida religiosa amadurece através de cinco fases ou componentes:

É um projeto de vida comprometido, ou seja, que tende à realização de valores gerais e que não se propõe a busca da satisfação imediata.

Este compromisso se realiza em uma **abnegação a favor de pessoas**, isto é, não na explicitação como fim em si das capacidades pessoais, intelectuais, artísticas, operativas.

Entre as pessoas às quais se dirige nossa abnegação, **um Tu transcendente tem a primazia: Deus**, ultrapassando o horizonte puramente humano do filantropismo. Deus como significado último da vida ocupa o centro de um projeto de vida religiosa, em amplo sentido.

O **Tu transcendente** é reconhecido no Deus que quis se encontrar com o homem nas formas históricas da Encarnação, da Redenção, da Igreja. O projeto de vida religioso especifica-se no projeto de vida eclesial.

Finalmente, um semelhante projeto de vida, assume as formas e os compromissos próprios do estado

de vida consagrada em um Instituto determinado, com estruturas e carismas específicos. Esta concepção de um projeto de vida religioso, termina afirmando o P. Ronco, tem a vantagem de relevar as bases humanas e cristãs, sem as quais as formas específicas da vida consagrada não podem ser vividas autenticamente, nem mesmo por pessoas psicologicamente normais.

### **Crescimento psicológico e crescimento espiritual**

Em um candidato "normal" à vida religiosa, o crescimento psicológico e o espiritual estão profundamente relacionados: o crescimento espiritual postula uma certa "saúde" psicológica para que o compromisso com a vida religiosa se realize na devida lucidez; por outro lado, um verdadeiro crescimento espiritual contribui para uma sadia maturidade psíquica. Nesta perspectiva, assumimos o modelo do paralelismo, do qual já falamos.

Vejamos como se interconectam ambos os crescimentos, tomando algumas exigências do projeto de vida religiosa:

Um projeto de vida **comprometido com o amor por Deus** germina muito mais facilmente se o indivíduo está interiormente livre de ansiedades e de complexos de culpa; se a estima por si próprio projeta-o para o futuro de forma realista, sem cair com facilidade em sonhos ou fantasias; se o amor recebido abre-o aos demais, ajudando-lhe a evitar uma excessiva dependência, submissão, insegurança, conformismo ou, pelo contrário, uma exagerada agressividade.

Um projeto de vida que **não se propõe à busca de satisfações imediatas** será melhor assumido e vivido por pessoas que saibam tolerar a frustração sem se deixar levar por sua impulsividade, aceitar os conflitos e crises sem cair em estados depressivos prolongados, alegrar-se com os êxitos sem se desorganizar emocionalmente.

Um projeto de vida que **exige uma abnegação em favor de pessoas**, resultará dificilmente assimilável para indivíduos autocentrados, auto-referentes ou excessivamente necessitados de atenção e afeto.

Um projeto de vida que **exige uma relação com um Tu transcendente** será difícil para uma pessoa com dificuldades de comunicação interpessoal, excessivamente introvertida e defensiva, muito rígida de critério e com forte tendência para desqualificar os outros.

Que diferentes são estas características de personalidade das que propúnhamos ao falar de aptidões!

Para terminar este aparte, queremos citar textualmente as palavras de um formador, o P. Jean Bouchet: "Convém que o formador tenha uma idéia do homem completo. É inconcebível que possa ajudar os candidatos a crescer na vida cristã perdendo de vista que devem, ao mesmo tempo, chegar a ser verdadeiros homens ou mulheres, com seus riscos, mas também com as oportunidades que isto comporta. O Evangelho não ganha nada sendo pregado por enfermos; o ideal de um santo neurótico, sendo um signo deslumbrante do gênio divino para escrever direito por linhas tortas,

não exime nunca de procurar que o homem inteiro tenda a uma transformação de seu ser, de sua inteligência — alma — corpo, sabendo que não o conseguirá senão através da cruz. Nisto reside nossa fé no mistério pascoal e no dogma da ressurreição da carne”.

## 6.2. Aspectos psicopatológicos

As características de personalidades que acabamos de enumerar ao falar da relação entre o crescimento psicológico e o espiritual podem ter diferentes níveis de intensidade e provocar diversos graus de inadaptação no candidato à vida religiosa; mas não nos permitem assinalar contraindicações claras, já que se trata de alguns traços isolados, considerados independentemente de toda uma estrutura de personalidade.

Dentro do campo global de análise de uma pessoa cabe também uma perspectiva clínica que, com maior precisão, nos permite algumas observações sobre algumas contraindicações de personalidade para o ingresso na vida religiosa. Entramos no campo do psicopatológico. Desnecessário dizer que o diagnóstico a esse nível corresponde ao especialista. Mas pensamos também que é muito útil para um formador ter um conhecimento, embora simples, sobre estas realidades da conduta humana. Concretamente, podem ajudá-lo a compreender melhor as alusões a este tipo de problemas que aparecem nas informações psicológicas, a perceber as possíveis desordens nos formandos e a proporcionar-lhes oportunamente a ajuda especializada que o caso requer.

## O psicopatológico

O campo da psicopatologia é muito amplo e inclui uma grande variedade de desordens. Estas desordens podem ser crônicas (quando se acham instaladas permanentemente na pessoa) ou agudas (quando o distúrbio tem uma duração limitada temporariamente). Normalmente uma desordem se identifica por um conjunto de características do indivíduo que, agrupadas, recebem o nome de síndrome. A cada uma destas características consideradas isoladamente dá-se o nome de sintomas. Por exemplo, a síndrome de depressão psicótica está constituída pelos seguintes sintomas: esgotamento físico, sentimentos de culpa, impulsos suicidas e desassossego.

Os sintomas mais freqüentes e mais perturbadores são: a ansiedade, a depressão, a aflição, a idealização paranóica (idéias de perseguição), as idéias delirantes (crenças falsas que não são suscetíveis de modificação ou de correção por persuasão lógica ou por exposição de evidência contrária), as alucinações (percepções sensoriais não desejadas, experimentadas como provenientes fora do eu, para as quais não existe um estímulo real externo) e os transtornos do raciocínio. A pessoa normal tem, às vezes, os quatro primeiros (ligeiramente); os neuróticos os têm de forma intensa; os psicóticos têm os restantes.

### Tipos de desordens

Os diferentes tipos de desordem costumam ser agrupados em três categorias:

O retardamento mental: cujo sintoma mais destacado é a inteligência subnormal.

As desordens orgânicas: que estão caracterizadas por algum dano no tecido cerebral ou pelo mal funcionamento da bioquímica do cérebro.

As desordens funcionais: nas quais atuam em papel preponderante os aspectos psicológicos. Esta categoria constitui a classe mais ampla de desordens mentais e compreende a neurose, a sociopatia e a psicose.

Faremos uma descrição breve desta última categoria de desordens que são as mais comuns e sobre as quais nem sempre se tem uma informação clara. Guiar-nos-emos nesta apresentação por Sheldon Cashdan e por Philip Solomon.

## **Desordens neuróticas**

A neurose constitui um exagero do que todos sentimos, às vezes. Suas causas emergem, comumente, de antecedentes de ansiedade persistentes, de insegurança e relações interpessoais insatisfatórias. Costumam estar arraigadas, as neuroses, em experiências conflitivas não muito bem resolvidas da infância.

Os sintomas que constituem as desordens neuróticas são muito variados: vão desde os vagos sentimentos de apreensão ou temor até inexplicáveis perdas de memória.

O neurótico é capaz de manter um razoável grau de contato com o ambiente; nele a realidade está pouco distorcida. A maioria dos neuróticos são capazes de se adequar às expectativas culturais prescritas e

cumprir com a maior parte de suas responsabilidades.

Os sintomas que compreendem os transtornos neuróticos agrupam-se dentro de diferentes categorias:

**Neurose de ansiedade:** ansiedade é o termo empregado para descrever a experiência subjetiva de uma tensão desagradável, inquietação e angústia que acompanham a ameaça e o conflito físicos. Pode apresentar-se sob duas formas distintas, como "fobia" ou como "reação ansiosa".

Na fobia, a ansiedade ocorre como resposta a estímulos específicos. A pessoa se sente terrivelmente temerosa de alguns objetos ou situações, mas não consegue compreender a razão de seu medo. Somente são capazes de controlar seus medos irracionais evitando aquilo que os produz.

Na reação ansiosa, a angústia se apresenta como um estado geral de apreensão ou temor, sem estímulos específicos que a desencadeiem. Pode adotar a forma de nervosismo crônico ou ataques intermitentes de ansiedade (expectativa ansiosa). O resultado é uma pessoa perplexa, perturbada, que experimenta ansiedade crônica, mas não pode relacioná-la ou referi-la significativamente a nada.

**Neuroses obsessivo-compulsivas:** As obsessões são idéias incômodas que interrompem repetida e insistentemente nossos processos de pensamento. As compulsões são ações ritualistas que, dizem os indivíduos neuróticos, eles devem executar. Embora ambos os tipos de conduta sejam contemplados separadamente, freqüentemente aparecem juntos.

Freqüentemente também os pensamentos obsessivos são acompanhados por uma grande ansiedade. Esta combinação de pensamentos intrusos e de ansiedade persistentes impõem, obviamente, uma pesada carga para a pessoa.

Apesar das dificuldades causadas pelas obsessões e compulsões, muitas pessoas são capazes de manter certa semelhança de funcionamento normal.

O caráter obsessivo-compulsivo pode ser descrito como meticoloso, inseguro sobre os detalhes, persistente, inflexível, escrupuloso, parcimonioso. Só é anormal quando estes traços se excedem dos limites.

**Neuroses histéricas:** Ocupam uma posição predominante na história da psicologia anormal, devido à sua dramática sintomatologia. A cegueira histérica, a surdez, a paralisia, a amnésia e a perda de sensibilidade da pele são apenas alguns dos sintomas incluídos nestas síndromes. O mais surpreendente destes sintomas é que, de fato, não têm base nenhuma em dano físico ou neurológico. No entanto, não são fingidos. Por exemplo, os indivíduos com cegueira histérica são tão incapazes de ver como os verdadeiramente cegos. Mas nas neuroses histéricas, o sintoma se enraíza em problemas psicológicos e não orgânicos.

A personalidade histérica, freqüentemente relacionada com perturbações de tipo sexual, tende a ser mais emocional que reflexiva, freqüentemente irresponsável, presunçosa ou teatral. Constantemente ressentida com os demais e insatisfeita de si mesma. Ansiosa caçado-

ra de afeto e consideração. Emocionalmente instável, impulsiva. Gosta de chamar a atenção. Combina a procura de dependência e proteção, adotando atitudes de "indefesa" algumas vezes e, em outras oportunidades, de exigência e imposição. Facilmente sugestionável. Com tendência a sonhar, própria de uma imaginação exaltada.

A pessoa histérica "defende-se" de seus conflitos reprimindo-os, ou seja, deixando fora do campo da consciência experiências que lhe produzem angústia. A repressão se complementa com a "**dissociação**" (descarga do conflito em um campo psíquico separado da personalidade total) e com a **conversão** (descarga e expressão simbólica do conflito através de sintomas físicos).

A "dissociação" se manifesta, entre outras formas, através de esquecimentos de experiências conflitivas vividas, sonambulismo, dupla personalidade, ataques ou crises histéricas... Os sintomas de "conversão" afetam principalmente os órgãos dos sentidos e o aparelho locomotor, ou seja, os órgãos controlados pela musculatura voluntária e a sensibilidade consciente e que intervêm na relação ambiental do indivíduo.

**Neurose depressiva:** A depressão é um fenômeno comum caracterizado como abatimento, tristeza, diminuição de atividade física... A gama de reações depressivas envolve deste uma tristeza ligeira por uma desilusão concreta, passando por reações moderadas e de longa duração, até a depressão intensa.

Embora as reações depressivas neuróticas possam ser muito graves

e ocasionalmente conduzam ao suicídio, as depressões mais graves são geralmente as psicóticas; delas falaremos posteriormente.

A manifestação predominante de uma depressão neurótica costuma ser a de tristeza e uma sensação de desamparo diante de uma situação difícil na vida. Estes sentimentos podem estar relacionados com dificuldades objetivas, mas o indivíduo tem a impressão de que sua resposta depressiva é desproporcional aos fatos.

### **Desordens sociopáticas ou psicopáticas**

A conduta do indivíduo sociopata tende a ser totalmente imprevisível e, constantemente, incompreensível. Mente quando é mais fácil dizer a verdade e rouba quando aparentemente não há nenhuma ganância que o motive. Às vezes, seus atos desviados são por eles conduzidos em segredo, como em certos tipos de desvios sexuais. Outras vezes alardeiam com ostentação de sua arrogância e rebeldia.

Sem importar qual forma toma sua conduta, está marcada por um selo inconfundível: uma óbvia carência de respeito pelas conveniências sociais. À base desta carência encontra-se um deficit na aprendizagem do desenvolvimento moral e da consciência. Este tipo de pessoas não somente demonstra uma falta de sensibilidade para as normas sociais que favorecem o bem comum como parecem demonstrar muito pouca culpa ou remorso depois de cometer suas faltas.

As síndromes sociopáticas costumam se agrupar em três categorias:

**Delinqüência crônica:** O termo delinqüência denota uma grande variedade de violações éticas e legais, desde o roubo de automóveis até a falsificação de cheques, passando por fazer armadilhas e roubar com o baralho.

Neste grupo estão o larápio, o traficante de drogas e o proxeneta (tráfico de brancas). Mas também estão presentes, como sociopatas "respeitáveis", os advogados sem ética, os doutores e homens de negócios que põem em perigo o bem-estar de seus clientes e associados para satisfazer suas próprias necessidades egoístas.

O denominador comum que sublinha a conduta de todos eles parece ser um desapego, uma atitude sem sentimentos para com os outros seres humanos. Esse mínimo grau de simpatia, de compaixão e calor que podemos encontrar em quase todos os seres humanos parece estar ausente nos delinqüentes sociopatas.

**Abuso de drogas:** É fundamentalmente um fenômeno de tipo sociocultural. Considera-se sociopático o uso de drogas (abusivo), quando a procura da droga interfere de uma maneira definitiva com a adaptação social e profissional, ou põe em sério perigo a saúde.

A busca crônica de droga tende a excluir outros valores da vida, o mais importante dos quais é a manutenção de relações interpessoais baseadas no amor e respeito ao outro.

**Desvio sexual:** Na maioria dos textos psiquiátricos, a sexualidade normal descreve-se como a conduta sexual cuja última meta seja o coito genital com um adulto de sexo oposto que consente. Nós acrescentaríamos “com base no amor que ambos se têm”.

As desordens mais freqüentes neste campo são a homossexualidade (masculina e feminina), o exibicionismo (exposição compulsiva dos órgãos genitais diante dos outros) e o voyeurismo (interesse excessivo na visão dos órgãos genitais ou do ato sexual).

### **Desordens psicóticas**

As psicoses se caracterizam por uma desorganização grave no funcionamento pessoal e social, assim como por comportamentos estranhos. Estas são as alterações às quais se associa com maior freqüência a frase “fora de contato com a realidade”.

Geralmente, a presença de psicose é indicada por alguma combinação dos seguintes fatores:

Alterações de linguagem ou de pensamento; advertem-se sobretudo na forma de se comunicar. Às vezes pode ser coerente, mas ilógica. Outras vezes, as próprias palavras são vagas e ambíguas.

Transtornos do afeto: refere-se a respostas emocionais impróprias. Às vezes, ri como resposta a notícias tristes e chora quando depara-se com boas novas. Outras vezes, suas reações emotivas chamam a atenção por serem desproporcionalmente intensas (quando está feliz exalta-se incontinentemente; quando

está triste chega às profundidades do desespero). Em outras oportunidades, os afetos podem encontrar-se bloqueados ou engarrafados, não manifestando nenhum tipo de resposta emotiva.

Fuga do meio social: o indivíduo fecha-se em si mesmo e torna-se frio, insensível e absorto, sem prestar atenção ao que lhe rodeia.

Delírios: são crenças falsas que mantêm a pessoa mesmo quando está enfrentando-se com provas absolutamente contrárias. Entre os vários tipos de delírio, encontram-se os de grandeza e de perseguição. No primeiro, o indivíduo acha que tem qualidades extraordinárias ou que é uma pessoa excepcional. No segundo, a pessoa acha que os outros tentam prejudicá-lo de qualquer maneira.

**Alucinações:** referem-se a experiências sensoriais nas quais não há estímulo aparente. A pessoa ouve vozes ou ruídos quando só há silêncio (alucinações auditivas) e vê coisas onde não há nada para ver (alucinações visuais).

As síndromes psicóticas representam transtornos relativamente sérios e normalmente incapacitam a pessoa para o cumprimento de suas responsabilidades. Agrupam-se também em três categorias:

a) **Depressão** — Manifesta-se por uma total desesperança, uma marcada diminuição da atividade física e mental, sentimentos de culpa e de inutilidade, isolamento social. Estes são acompanhados, freqüentemente, por sintomas secundários, como a falta de apetite, a insônia e o pranto freqüente.

b) **Mania** — As condutas associadas à mania parecem ser opostas às anteriores. A pessoa maníaca se mostra exaltada, confiada e excitável. É incansável e está cheia de energia e atividade.

Apesar deste ar exterior de exuberância, a pessoa está longe de se sentir contente ou feliz. Um exame mais rigoroso revela sua hiperatividade como uma máscara que esconde uma constante tensão. Por isso, não é estranho que, depois de uma fase de mania, a pessoa caia em depressão. Encontramo-nos, neste caso, com a psicose maníaco-depressiva.

c) **Esquizofrenia** — Nela estão representados praticamente todos os fatores indicadores da psicose, dos quais falamos antes.

O esquizofrênico afasta-se de qualquer contato social durante pe-

ríodos de tempo muito longos; demonstra respostas emotivas anormais e com freqüência na forma de afeto bloqueado ou congelado. Mas esta desordem identifica-se, primordialmente, por desvios estranhos no pensamento e na percepção. Por isso, abundam nele os transtornos da linguagem, os delírios e as alucinações.

Somos conscientes de que o dito sobre as desordens condutuais psicopatológicas é muito insuficiente. Insistimos em que é um campo próprio de especialistas, psiquiatras ou psicólogos. A eles lhes corresponde um diagnóstico autorizado sobre possíveis contraindicações, as quais dependerão da freqüência e intensidade dos transtornos, da gravidade dos mesmos e das possibilidades de recuperação que se estimem para a pessoa.

---

## PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA — 1981

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) publicou um livro de 48 páginas intitulado: **CRB/1981. PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA**. Você já esteve com este livro nas mãos? Você precisa folheá-lo da primeira à última página. Ler e examinar com atenção. Sublinhe alguma atividade de que pode participar e de que gostaria de participar. Converse com seu Superior. Venha repensar juntamente com serenidade e indispensável seriedade a opção que fizemos. Este livro da Programação Religiosa é encontrado em todas as Regionais da CRB. Faça uma visita à sua Regional. Leve o seu exemplar. Não se paga nada. E se ganha muito.

## SISTEMA INJUSTO E, PORTANTO, PECAMINOSO

Por muitos séculos, a Igreja sublinhou mais e, não raro, apenas, o nível privado da consciência individual. Era aí que ela identificava o pecado. Aí buscava o fiel a purificação, na privacidade de um sacramento que não lhe envolvia, pelo menos conscientemente, a vida profissional e o desempenho social. E, da treliça do confessor, levantava-se ele ou ela — rei ou rainha, tirano ou cortesã, comerciante ou colonizador, bispo ou sacerdote — tranqüilo consigo e sem preocupação com os outros. Em decorrência desta visão, a Igreja tornou-se, por vezes, cúmplice direta ou tácita, no todo ou em parte, de crimes históricos, cuja aberração ela agora reconhece e nos quais intui o seu próprio pecado.

A consciência da Igreja aponta hoje para uma dimensão social do ato humano. O que de bom ou de mau se faz repercute sempre sobre os outros. Desencadeia um processo de longo alcance, cujas fronteiras vão muito além do que suspeita a imaginação do indivíduo. O pecado, portanto, tem sempre uma dimensão social. A negação do amor e da verdade — e está nisto o núcleo de qualquer pecado — quando arvorada em esquema coerente de prática social, torna-se uma estrutura de pecado. Em outras palavras, os homens que participam da articulação ideológica e operativa deste processo, estivessem muito embora, por hipótese, acima de qualquer suspeita no campo de sua consciência individual, não poderiam eximir-se da responsabilidade quanto ao alcance social de seus atos, potenciados por um quadro estruturalmente injusto, isto é, que solapa o amor e a verdade, e o faz em macroescala. É neste sentido que a Igreja, do seu ponto-de-vista, pode falar de um sistema injusto (e, portanto, pecaminoso), em que pese a identidade laica e secular de um Estado ou de uma Sociedade em concreto. O pecado aí não se refere primordialmente ao foro individual da posição dos homens em relação a Deus. Ele se configura na frustração ou na ferida ética do que é devido aos homens. E isto independe da natureza religiosa ou não de um grupo ou estrutura social. Na perspectiva do Evangelho, porém, não existe falha contra o homem que não seja também pecado contra Deus. A mentira, pois, a falsa informação, a corrupção, sob todas as formas, a tortura, a discriminação, os privilégios de uns ao preço dos direitos de outros, a competição desleal, o lucro extorsivo, o consumismo desenfreado, a intermediação criminosa, a imposição arbitrária, a violação do indivíduo, as visões economicistas ou tecnicistas da vida humana e tantos e outros parâmetros, quando vêm a compor a trama intrínseca de uma organização ou sistema social, seja ele público ou privado, Estado ou empresa, são negação ou destruição do amor e da verdade, e o são em grande escala. Eles se constituem numa ameaça estrutural ao bem do indivíduo e da sociedade como um todo. Não há, pois, como calar diante de sua iniquidade. Quando Poder ele mesmo ou vinculado de algum modo ao Poder, um tal sistema pode tornar-se gerador permanente de conflitos graves e, portanto, foco de desespero e violência (Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ).